número 10 * ano 2 * 1942
PANORAMA
REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

PALÁCIO HOTEL, HOTEL DO PARQUE e HOTEL DE ITÁLIA: — São três nomes mundialmente conhecidos, que se recomendam aos turistas de bom gôsto, pelos requisitos de confôrto e a qualidade inexcedível do serviço. — Estes hotéis, admiràvelmente situados no ESTORIL, honram o centro de turismo internacional que é a COSTA DO SOL.

AS GRANDES ATRACÇÕES DO ESTORIL ★ PAISAGEM, CLIMA, HOTÉIS E CASINO

ESTORIL CENTRO MUNDANO

NADA falta, nesta estância, para satisfazer os mais exigentes turistas — além dos encantos da païsagem e do clima, da variedade dos hotéis e do seu animado Casino, com salas de jôgo permanente: — «golf», «tennis», hipismo, tiro, piscina, cinema, restaurantes, «bars», combóios eléctricos e o Tamariz, bela esplanada sôbre o Atlântico, onde se reüne a nossa melhor sociedade.

Aqui se aconselha...

SE vai comprar objectos de SERRALHARIA ARTÍSTICA aqui o aconselhamos que procure VICENTE JOAQUIM ESTEVES, na Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa, pois é quem apresenta dos melhores trabalhos que se fazem no género. Na sua oficina, modelarmente montada, executaram-se trabalhos que estiveram nas Exposições de Paris, de Nova York e do Mundo Português. E isto é a garantia e a melhor razão para o preferir e dar-lhe as suas encomendas.

QUEM pretenda fazer CAMPISMO deve apetrechar-se convenientemente e, pelo menos, com o indispensável, porque, se o não fizer, ser-lhe-á então desagradável a sua prática. A casa VIEIRA CAMPOS, na Rua da Prata, 215 e 217, em Lisboa, tem à venda tudo quanto há de mais moderno e de que deve munir-se quem queira dedicar-se a um campismo são e higiénico. Todo o material ali à venda é o que o uso e a prática aconselham como melhor.

FIDÉLIS é um creme à base de amendoas e mel, preparado especialmente para dar à pele a sua máxima elasticidade, evitando as rugas, escamas, gretas e outros males que a atacam. Uma aplicação diária na face, nas mãos ou em todo o corpo com o CREME FIDÉLIS dá à pele uma agradável sensação de frescura e um aveludado sem igual. Como FIDÉLIS é um creme absolutamente puro, pode ser aplicado nas peles mais delicadas.

NAUMANN é sem dúvida a máquina de costura que satisfaz completamente as senhoras mais exigentes. Se quere conhecer os modelos desta apreciada máquina, visite a exposição do stand NAUMANN, na Rua Eugénio dos Santos, 169 a 173, em Lisboa, onde também pode tirar, grátis, o curso de coser, de cortar e de bordar. NAUMANN tem agentes em todo o país que atenderão, prontamente, os pedidos que lhes dirijam.

que leia, veja e compre

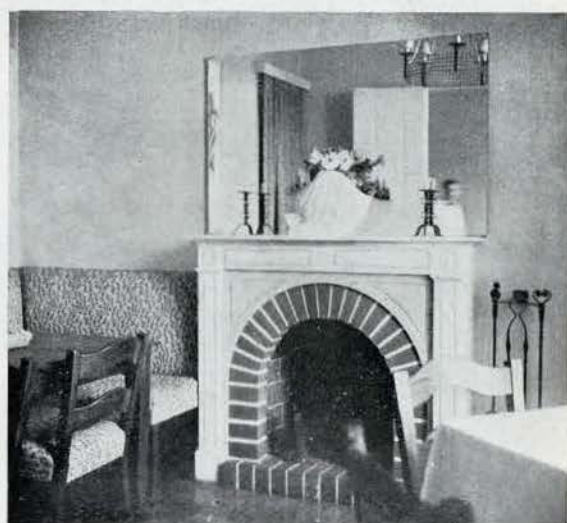
JÁ experimentou alguma vez os produtos de beleza *Rainha da Húngria*, de MADAME CAMPOS? Os *Cremes* para de dia e para de noite, e o *Pó de Arroz Rainha da Húngria*, tão conhecidos e afamados, foram escrupulosamente estudados antes de serem lançados à venda. Assim, estes *Cremes* são cientìficamente preparados e a sua pureza é inexcedível; o *Pó de Arroz* é fino, aderente e invisível. Experimente os Produtos

Mᵉ CAMPOS

E. E. DE SOUSA & SILVA, LDA., na Rua do Ouro, 157-159, em Lisboa, é sem dúvida uma das melhores oficinas de GRAVADOR. É conhecida a perfeição da enorme variedade de objectos que lá se fabricam ou se vendem. São êles: chapas esmaltadas, carimbos em todos os géneros, sêlos em branco, etiquetas, alicates para selar a chumbo, sinetes, anéis com gravuras, brazões, monogramas, datadores, numeradores e artigos para escritório e de novidades.

TODO o material do campista deve ser simples e prático, para melhor facilidade de uso e maior utilidade. O modêlo de SACO DE CAMPISTA que se vê na fotografia é apresentado pela casa A. M. SILVA da Rua da Betesga, 67, em Lisboa, e foi construído de forma a satisfazer aquelas condições.—Agora, já sabe qual o saco que deve comprar quando se dispuzer a fazer campismo ou que deve preferir se quiser substituir o que tem.

MONDALO, LDA., na Rua Nova do Almada, 51, em Lisboa, é um ESTABELECIMENTO FILATÉLICO recentemente inaugurado. Ali vê o filatelista em exposição e para venda enorme variedade de sêlos e um grande número de séries nacionais e estrangeiras, algumas de rara beleza. MONDALO, LDA., merece uma visita, porque a forma como as séries estão expostas, deixa que o público as aprecie e faculta uma visão rápida das emissões mais recentes.

Tomar chá ou aperitivos, almoçar ou jantar na Casa da Laura — num ambiente moderno e confortável, com linda vista sôbre o mar — é um sinal evidente de distinção, de bom gôsto e bom senso

AVENIDA D. CARLOS I, NÚMERO 24
TELEFONE 64
CASCAIS

ESTÃO A COMPOR-SE CAPAS ARTISTICAS DESTINADAS A ENCADERNAR O 1.º VOLUME DE «PANORAMA», CONSTITUIDO PELOS SEIS PRIMEIROS NÚMEROS.— QUEIRA FAZER, QUANTO ANTES, O SEU PEDIDO Á ADMINISTRAÇÃO DA NOSSA REVISTA, AFIM DE SE PODER CALCULAR A TIRAGEM.

ENCONTRAM-SE Á VENDA, NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS, DUAS LINDAS ESTAMPAS COLORIDAS, DA EDIÇÃO ESPECIAL DO S. P. N., DE QUADROS DE ARTE:— UM CRISTO DO SEC. XV (ESCOLA PORTUGUESA) E UMA NATUREZA MORTA DE JOSEFA D'OBIDOS.—PREÇO: DEZ ESCUDOS CADA.

MOBILGREASE é o lubrificante insubstituível para chassis de automóveis. Protege eficazmente as fôlhas de molas; suprime o desgaste de cavilhas; acaba com os ruídos impertinentes e resiste à acção da água de lavagem.

Mobilgrease

1927

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, 45, 1.º - TEL. 29311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

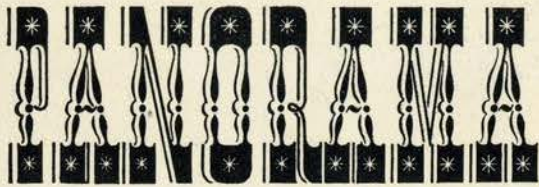
EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NÚMERO 10 ★ AGÔSTO, 1942 ★ VOLUME 2.º

CAPA: GRAVURA POPULAR DO ALENTEJO. — DESENHOS DE: MARIA FRANCO, TOMÁS DE MELLO (TOM), BERNARDO MARQUES E EMILIO PIMENTEL. — ILUSTRAÇÃO «HORS - TEXTE» DE FRANCISCO SMITH. — FOTOGRAFIAS DE: AERO CLUB DE LEIRIA, ALVÃO, ÁLVARO PAIS RAMOS, ARTUR SANTOS, BELEZA, CASIMIRO VINAGRE, E. PORTUGAL, ENG.º HIGINO QUEIROZ, HORÁCIO NOVAES, J. BENOLIEL, JOÃO MARTINS, MANFREDO, MÁRIO C. CARDOSO, MÁRIO NOVAES, OTTO AUER, RASTEIRO, RAÚL REIS, SALAZAR DINIZ, SOARES, TOM E VESSIER

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 30$00, 12 números 60$00 — Colónias Portuguesas, 6 números 35$00, 12 números 70$00 — Estrangeiro, 6 números 50$00, 12 números 100$00

PREÇO: 5$00

O CAFÉ PARA O BOM APRECIADOR
CAFÉ COLONIAL
AROMÁTICO
AGRADÁVEL
SABOROSO

PANORAMA *consagra o presente número às Praias e Termas do país. Não se trata, como é evidente, de um* número especial, *onde o assunto poderia — pela sua enorme variedade de aspectos — ser tratado com amplíssimo desenvolvimento. Embora as circunstâncias nos forcem, em parte, a esta economia, consideramos preferível não sistematizar em excesso os temas que focamos, repartindo-os, antes, por números sucessivos, nas épocas apropriadas. Porque salientámos, no ano passado, os caractères e virtudes d'algumas praias mais freqüentadas do nosso litoral, damos, agora, maior relêvo às estâncias termais. Não devem julgar-se esquecidas as que ficam de fora, mas sómente reservadas para futuros números. Abrimos, quanto às praias, uma excepção, publicando uma reportagem sôbre a Costa do Sol. ¿ Será necessário explicar porquê? Digamos, por exemplo, que a Costa do Sol é uma das zonas vitais do nosso turismo e... o mais que se poderá ler na referida reportagem. Outra das razões é a sua natural acessibilidade à objectiva dos nossos fotógrafos. Há todo um arquivo fotográfico a fazer e também a renovar, permanentemente. As próprias paisagens, com o rodar dos anos, mudam de fisionomia. Se algum orgulho nos sentimos com o direito de exibir, é (nêste capítulo, pelo menos) o de supormos que os nossos leitores habituais já reconheceram que preferimos, através de tudo, a qualidade à quantidade. Além disso —* PANORAMA *continua*

IMAGENS DO PÔRTO DE LISBOA

Dez horas da manhã. Uma destas manhãs indescritíveis de Lisboa, de luz intensa, reverberante. Junto ao pontão do Cais do Sodré, uma *vedeta rápida*... — O leitor nunca andou numa *vedeta rápida,* pois não? É uma delícia! Junto dela, esperava-nos o Eng. Salvador de Sá Nogueira, Administrador Geral do Pôrto de Lisboa.

— «Vamos a ver se a luz se presta para a fotografia. A atmosfera está um pouco nublada, sôbre o rio, mas talvez limpe.»

O Tejo... que maravilha! Já dentro do *gasolina,* desabafámos: — É triste que Lisboa tenha voltado as costas ao Tejo!

— «O asserto peca por excesso», observou, com breve sorriso, o Eng. Sá Nogueira. E prosseguiu: — «Grandes porções das suas margens podiam e deviam, na verdade, estar embelezadas e ser acessíveis aos pobres mortais, o que não acontece. Mas, não queiramos ùnicamente para gáudio das gentes aquelas porções de margem que são as melhores para nelas se cons-

truirem o pôrto comercial e o de pesca, e instalarem-se as actividades que só nelas podem existir e que interessam, fundamentalmente, à vida da nação».

Em face de tão ponderável arrazoado, resolvemos refrear o nosso lirismo. Mas o Tejo estava uma maravilha, lá isso estava. Água límpida, plàcidamente ondulada, de um azul muito claro... O leitor devia experimentar andar numa *vedeta rápida*.

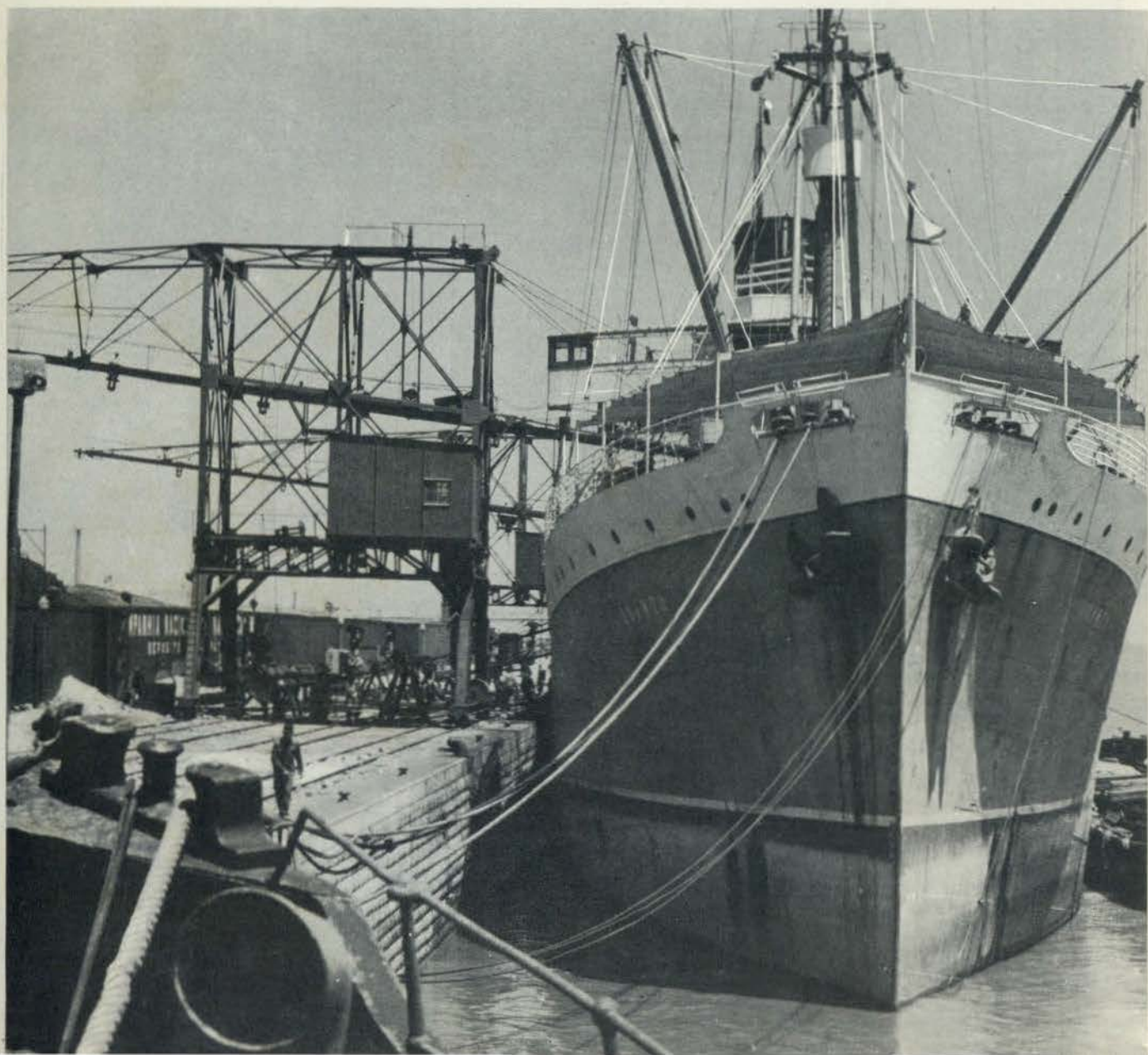
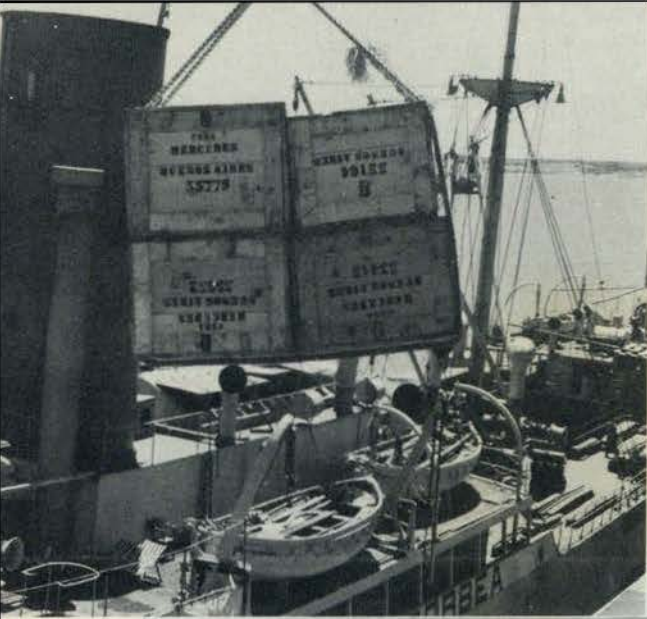
A margem começou a desonrolar-se, como um belo filme colorido. Barcos e barcos atracados aos cais; navios de carga, de tôdas as nacionalidades possíveis, nestes tempos impossíveis... Alguns estavam *camuflados*. Impressiona, ver um navio assim pintalgado, como por mãos inhábeis, de criança! Outros, muito negros, remendados à pressa, com a tinta dos cascos completamente raspada e com manchas de ferrugem — faziam dó. ¿E aquela bandeira esfarrapada? A bordo, por certo, não havia outra...

— Vamos a caminho da 3.ª Secção, onde se tem feito obras muito importantes, anunciou-nos o Sr. Administrador Geral. — Éste, é o Cais da Alfândega... Agora, o Entreposto Colonial.

Barcos e mais barcos, despejando ou recebendo mercadorias. Alguns, abordados pelas fragatas, sugeriam gigantescos suínos deitados, amamentado os filhos... Os fragateiros reconheciam a *vedeta* da Administração e cumprimentavam, respeitosos. De alguns navios estrangeiros acenavam-nos, com gestos vivos. Sorriam... (Enquanto o homem puder sorrir, é porque nem tudo está perdido). Passámos o enclave de Santa Apolónia e, a seguir, o seu entreposto. O céu estava mais límpido e a água mais azul.

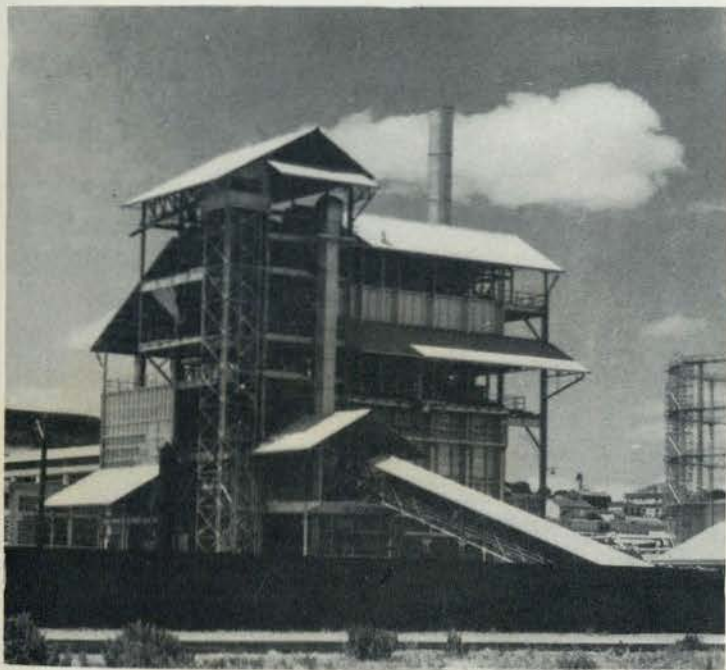
Entrementes, graças à boa vontade e gentileza do Eng. Sá Nogueira fomos aprendendo muitas coisas:

— «O pôrto de Lisboa, geogràficamente, é constituido por todo o estuário do Tejo. O pôrto comercial — a parte sob a jurisdição da Administração Geral do Pôrto de Lisboa — abrange: *a)* Os cais, docas, acostadouros, terraplenos e tôdas as obras de abrigo ou protecção existentes ou que venham a construir-se entre os dois limites a seguir fixados; *b)* todo o trato do estuário limitado, a jusante, pelo enfiamento das tôrres de S. Julião e Bugio e, a montante, pela linha definida pela foz da Ribeira dos Olivais e pela testa de ponte de Alcochete, e as partes das respectivas margens, nos limites de largura fixados por lei, correspondentes às obras definidas acima, e às zonas necessárias à sua execução e conservação; *c)* todos os terrenos adjacentes às faixas definidas, adquiridas ou conquistadas ao Tejo pela Administração».

«A exploração comercial do pôrto faz-se segundo dois regimes: — o de cais livre e o de entreposto. Nos cais livres, a

atracou à grande estacada de cimento armado, há poucos anos construída. Um quilómetro mais longe, a montante, o Cabo Ruivo. Lá estava, pesadamente amarado, como ferido de mortal cansaço, um imenso «Clipper».

Entrámos em terra, para apreciar as gradiosas obras realizadas. Foi então que compreendemos o significado da expressão «faixas conquistadas ao Tejo». É que o vasto e liso terreno por onde marchávamos agora, e que se diria batido e consolidado desde remotos tempos, não existia, há poucos anos: — «A água do rio chegava até lá adiante, onde se vêm aquelas casas...».

intervenção da alfândega é imediata. Nos entrepostos, essa intervenção só se verifica à saída da mercadoria. O segundo regime é altamente vantajoso para o comércio, como atenuante às dificuldades aduaneiras — aliás necessárias. As mercadorias são quási tôdas, hoje, obrigadas a entrar nos entrepostos».

O rastro de espuma aberto pelo *gasolina* era uma fita interminável, perdida de vista. Tinhamos passado Santa Apolónia, o Beato, o Pôço do Bispo e estávamos já na Matinha. A *vedeta*

— «E se voltássemos a pé? São apenas cinco quilómetros...». O Sr. Administrador Geral é um pedestrianista infatigável. Anda, anda, anda... E sempre em passo gimnástico, hiper-gimnástico. Olhávamos para êle, num misto de espanto e de inveja, quando o víamos, de repente, já afastado de nós algumas dezenas de metros. Era preciso correr, para alcançá-lo.

Mas valeu a pena. A manhã, radiosa, não aquecera demasiado, e vimos coisas estupendas, inolvidáveis. Que obra magnífica, em tão breves anos concluída! Fica ali um enorme e precioso cais acostável, que descongestionará (logo que se normalize o tráfego marítimo internacional) os outros — o de Alcântara, o da Rocha de Conde de Óbidos, o de Santos, o da Alfândega, o do Entreposto Colonial — já exíguos para o crescente movimento do majestoso Pôrto de Lisboa.

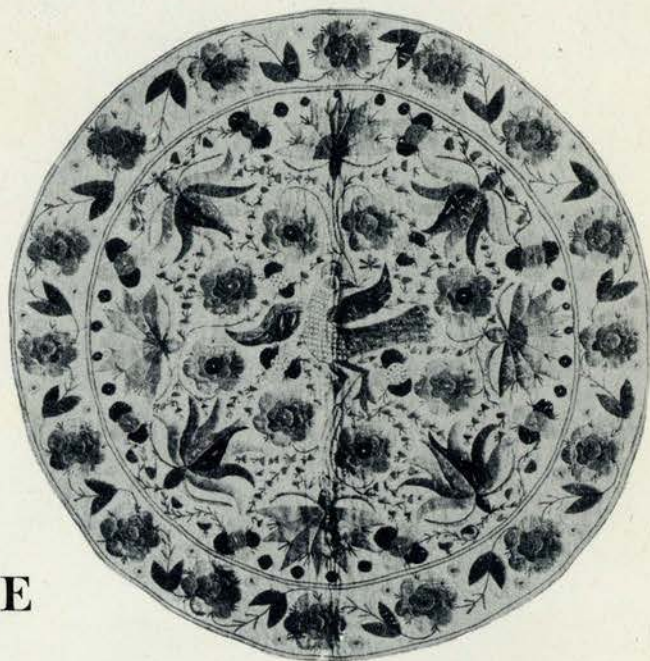
Novas imagens, agora. E estas, ao ritmo saüdável do nosso passo gimnástico, mais demoradamente apreciadas: — Os imensos armazéns, sòlidamente construídos em ferro e cimento armado (vai longe o tempo dos sórdidos barracões provisórios!) totalmente repletos de tôda a espécie de mercadorias... A azáfama febril dos cais, com a sinfonia embriagante dos guindastes, das cábreas, dos transportadores e dos monta-cargas... Os grandes e serenos navios aconchegados nas docas... O trabalho insano, violento e estrepitoso nas carreiras de construção e nas intermináveis oficinas...

Afinal, tinhamos andado oito quilómetros. E quanto nos ficara, ainda, por apreciar! A Nova Gare Marítima, por exemplo, cujo belo edifício está já a receber os últimos retoques...

Mas voltaremos em breve não é verdade?

ROGÉRIO MENDES.

Fotos de Horácio Novaes

COLCHAS DE NOIVADO

DE

CASTELO BRANCO

O público da capital pôde apreciar, há poucos meses, no estúdio do S. P. N., algumas verdadeiras obras primas da nossa arte-industrial doméstica: — as colchas de noivado, que a tradição feminina de Castelo Branco soube conservar, carinhosamente. Obras primas de composição, de desenho, de fantasia, de delicadeza e de côr.

Vem de muito longe, no espaço e no tempo, a graça ornamental destas colchas, em que o linho e a sêda, as flores e os pássaros, os cavalos e as árvores, as sereias e as quimeras e, até, os animais selvagens e o seres humanos nelas desenhados e coloridos, começam por dar aos noivos o mais evidente e enternecedor exemplo de harmonia.

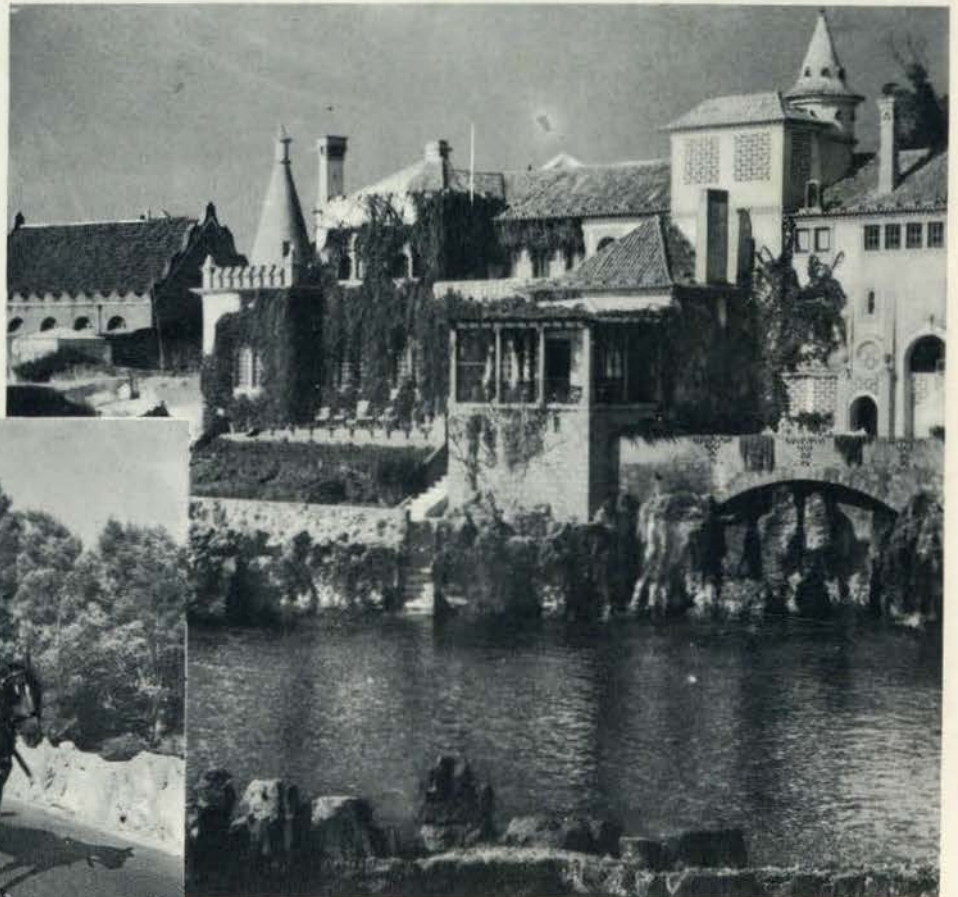
Harmonia quási musical, pode dizer-se: no capricho da tecitura, na fantasia dos assuntos, no ritmo dos ornatos, no desenvolvimento dos tons.

Pensa-se nas mãos que produziram estas maravilhas e gostaríamos de tê-las beijado, com enlêvo, com respeito, com gratidão.

Senhoras e meninas dessas terras provinciais, dêsses pequenos burgos de tão poéticos e graciosos nomes (Orvalho, Tortosendo, Silvares, Teixoso, Sobreira Formosa, Tinalhas, Estreito, S. Vicente da Beira, Dominguizo, Proença-a-Nova e Proença-a-Velha...) senhoras e meninas de antanho e de hoje, a quem ficámos a dever estas obras primas: — em nome de todos os portugueses, obrigados!

Pormenores de alguns dos mais belos espécimes das colchas policrómicas bordadas na Beira-Baixa.

Fotos de Mário Novaes

COSTA DO SOL *é o mais cosmopolita dos nossos centros de turismo. Reüne, para isso, tôdas as condições — incluindo a sua proximidade da capital — e mais esta: a extraordinária e incomparável diversidade dos seus motivos de atracção.*

Fotos de Horácio Novaes.

ROTEIRO INCOMPLETO DA COSTA DO SOL

por José Augusto

Um areal extenso onde vêm morrer as vagas que eram verdes. Um verde transparente, mais claro do que as copas verdes das árvores que descem até ao areal. Dominando tudo, a massa sombria, dum cinzento-acastanhado, da Serra de Sintra, vista dêste lado, sem a decoração «coquette» da Pena e das ameias negras do Castelo dos Mouros.

E na sua canção molhada de sempre, o grande Mar Oceano. O Guincho vale, no extremo ocidental da Europa, como uma bela, ensoalhada e clara praia.

Ao longo da costa rude, salpicada pelas ondas que se desfazem em espuma branca e salgada, segue a estrada cheia das vozes dos pinheiros mansos, dos murmúrios da terra sequiosa em luta contra a areia.

Depois, o vulto esguio dum farol e uma paìsagem de bilhete postal, atracção turística de êxito certo: a *Bôca do Inferno*. Mas são mais os dias calmos em que a massa das águas é mansa e lisa, do que aqueles de tempestade, em que o mar ruge enclausurado na rocha viva onde se incrustam ostras.

A estrada segue. De janelas abertas sôbre o Oceano, erguem-se palacetes

A caminho da ampla praia do Guincho, a estrada é assim...

Foto Horácio Novaes

e vivendas escondidas por entre pinhais. O Palácio do Conde de Castro Guimarãis guarda a sugestão duma estampa romântica: a tôrre alta que emerge dum braço de mar, os cláustros que dão sôbre os jardins, as janelas gradeadas a proteger, ciosamente, as maravilhas dos interiores — peças de museu acessíveis à curiosidade admirativa dos turistas.

A tranqüilidade dos seus jardins — os canteiros floridos, paredes meias com as árvores do Parque Municipal onde, num exotismo que se casa bem com a opulência das palmeiras, há avestruzes, pavões reais, faïsões e, numa grande jaula, um macaquito de meio palmo que brinca com crianças e devora amendoins, glutonamente... Cisnes navegam, solenes e brancos, num lago em cujas margens saltita, num pé só, uma cegonha estúpida e triste.

Lá fora, na grande avenida que acompanha os paredões escuros da Cidadela, há sol. Na baía, barcos e gaivotas que trazem nas asas o ar salgado do mar. Em frente, manchas verdes de pinhais e pinceladas vermelhas de telhados, nesgas coloridas de vivendas, espreitando.

Sabe bem parar aqui, nesta avenida debruçada sôbre a baía. Tomemos chá na *Casa da Laura*, onde nos aguarda um interior cuidado e claro, arranjo ornamental «signé» S. P. N.: — uma chaminé acolhedora a desafiar-nos para o inverno, candieiros de ferro forjado, flores frágeis e, na parede, uma graciosa pintura de Manuel Lapa.

Lá fora, passam barquitos que vão para a pesca, donde voltarão carregados de prata viva, sardinha saborosa que vai ser vendida, aos gritos, junto ao barracão de zinco do mercado.

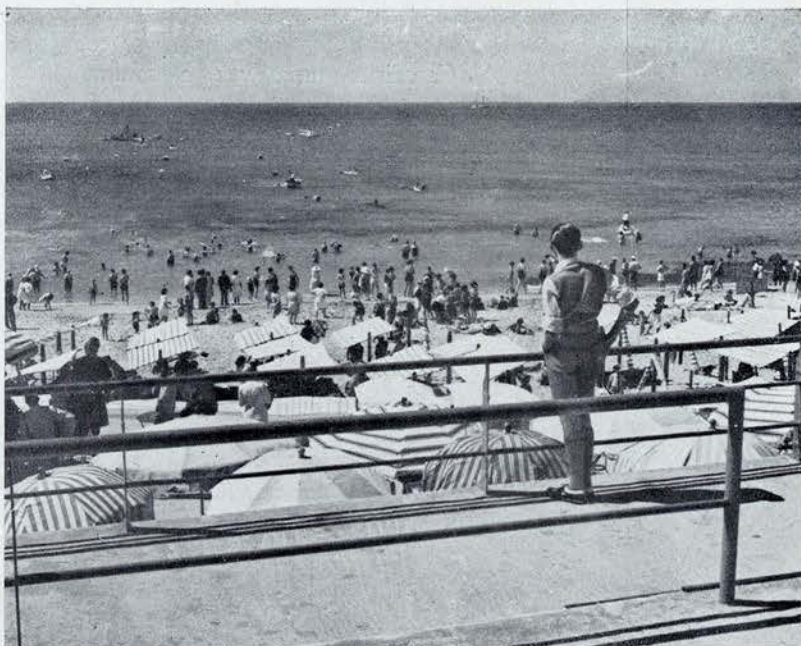
Curiosa, a vida de Cascais, como terra de pescadores — gente que passa, ao domingo, bem enfarpelada nas suas blusas de xadrês, a caminho da Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, que protege todos quantos andam lá longe, sôbre as ondas do mar.

A estrada volta as costas ao azul das águas, passa por entre o casario claro, por vezes pretencioso, da vila, para logo regressar para junto do Oceano. E sobe-se até ao Monte Estoril. Mais palacetes e vivendas. Menos pinhais e mais jardins.

E num jardim público, com bancos de namôro e repuxos que se cruzam sôbre um lago onde correm, dominados por idéias fi-

Barcos de pesca e de recreio na baía de Cascais. — Um campo de ténis na praia de Santo Amaro. — Alegre vivenda num bairro novo do Estoril. — Fotos H. Novaes

A Cascais... uma vez e muitas mais! — Ao Estoril... não é preciso rimar: basta lá ir uma vez, para se ficar prêso para sempre dos seus inúmeros atractivos.

Fotos Horácio Novaes

A praia do Estoril, vista do Tamariz. — Agradável recanto da «Casa da Laura», em Cascais. — Na Costa do Sol pratica-se o desporto do tiro. — Fotos H. Novaes

xas, peixinhos encarnados, aves gentis cantam, no seu aviário ou, tontinhas, esvoaçam de ramo em ramo. Lá estão os «papos celestes» de colete azul roubado ao do céu; os «Dom Fafes» empertigados e encarniçados; as saltitantes «viúvas» de escura cauda longa; os piriquitos, uns de casaca amarela, outros de azul, sempre aos beijos, bico no bico, numa permuta amorosa de cânhamo e de alpista.

Perto do posto climatológico — a temperatura do Monte Estoril é a mais suave do Continente: fresca no verão, quente no inverno — um jardim com piteiras e cactos, tudo horrìvelmente belo, como urge num jardim mexicano, de que êste é cópia e miniatura.

E a estrada, por entre velhos eucalíptos, que a enchem de sombras, alcança o Estoril.

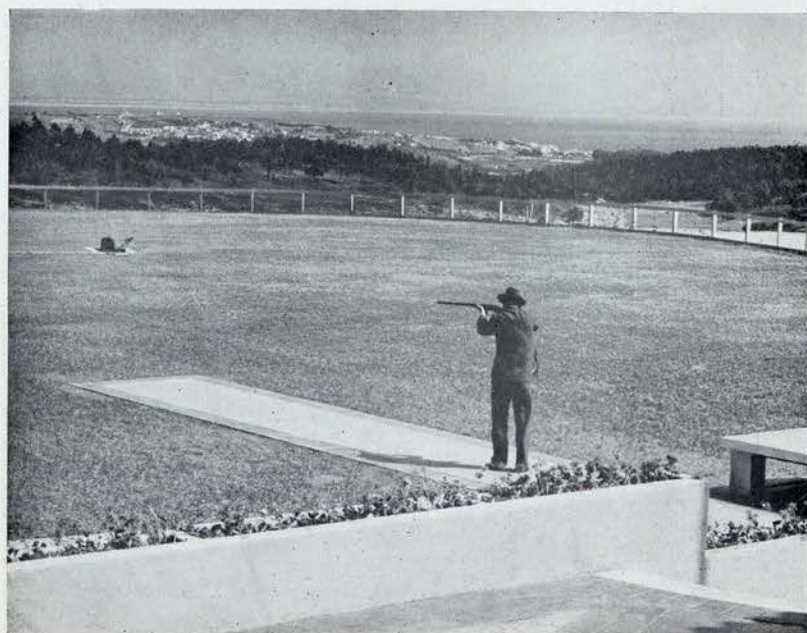
A praia...

De cima, da esplanada de cimento, só se vêem toldos, barracas e chapéus de sol de lona listrada. Areia macia e gente moça estirada ao sol. Crianças brincam à beira da água com baldes, pás, bolas de gomos berrantes. Muitas tomam banho, esperneiam e gritam nos braços dos banheiros queimados de sol e de maresia.

Quem alarga a vista para longe encontra, à esquerda, perdida entre a bruma que o sol de Agôsto ao meio dia faz levantar, a massa alongada e extensa que termina no mar com o Cabo Espichel. À direita, num plano mais próximo, quási ao alcance da mão, Cascais com o seu casario dominado pelas tôrres sineiras duma igreja, a cidadela e a avenida que se perde numa mancha verde e indecisa.

Ao olhar em frente, depara-se com um veleiro de três mastros que faz rumo ao norte, a todo o pano das suas velas brancas. E o espectáculo vale por uma gravura inglesa ou o rótulo duma caixa de tabaco Virgínia, para cachimbo...

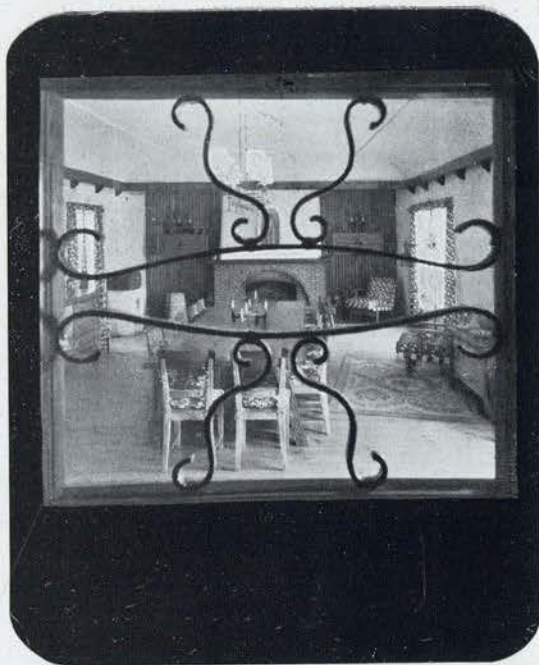
Mas o Estoril, que começou por ser praia de areia fina dominada por uma fortaleza — ¿ quando está no Tamariz já pensou que ali mesmo se montaram, em meados do século XVII, as bombardas da defesa da barra do Tejo? — é hoje, também, estância termal, centro de diversões.

No estabelecimento termal — amplo, moderno, bem servido de material e pessoal — trata-se o reumatismo, o artritismo, a gôta, a ciática e o linfantismo. E é possível

(Continua na pág. II)

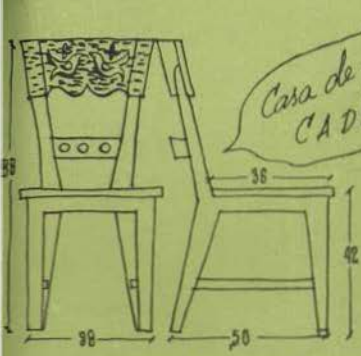
ALA-ARRIBA ★ NOVO FILME NACIONAL

Já aqui afirmámos que foi Leitão de de Barros o descobridor da notável fotogenia do nosso povo. Vem a propósito repetí-lo, registando estas imagens do seu novo filme, que em breve se estreará: — *Ala-Arriba.*

Fiel à sua feliz descoberta, Leitão de Barros entregou à realização desta película o melhor do seu talento, do seu amor pelos temas nacionais e da sua experiência técnica.

Existe uma tradição portuguesa da arte de trabalhar o ferro. Uma tradição secular, que não devemos interromper. Se não carecemos de artífices e operários capazes de dar-lhe continuïdade, também não faltam modelos antigos, interessantes e de grande valor ornamental:

Candelabros, castiçais, tôda a variedade de peças incluídas na designação genérica de «ferragens» — que tanto valorizam os móveis em que se aplicam — e portas. Nesta casa de campo, o artista decorador não esqueceu a existência da referida tradição. E o resultado vê-se.

UMA CASA DE CAMPO MODELAR

Quando o espaço é acanhado, todos os móveis parecem grandes demais. Nestas circunstâncias, compete aos decoradores e artífices da especialidade pôrem à prova a sua imaginação. — Foi o caso da cozinha da casa da Quinta de Fóios. Mas Tom resolveu o problema, desenhando êste decorativo e prático armário, que serve de guarda-loiça (onde as peças da indústria regional se encontram como peixes na água) e, ao mesmo tempo, de mesa para os criados.

Casa de jantar CADEIRA

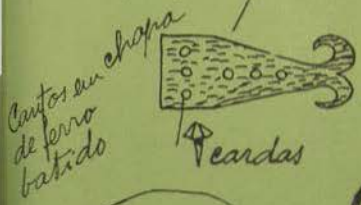
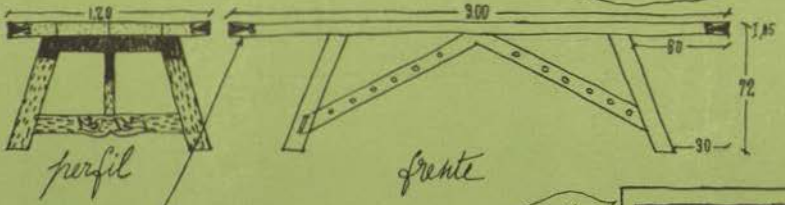
as madeiras a empregar devem ser de preferencia nacionais, bem secas e com bastantes vergadas Como por exemplo: Castanho freixo ou Massaniqueira.

Casa de jantar MESA

perfil

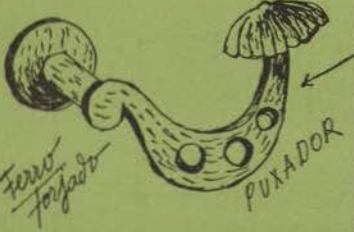
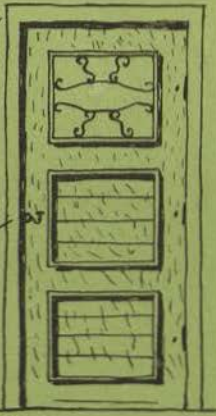
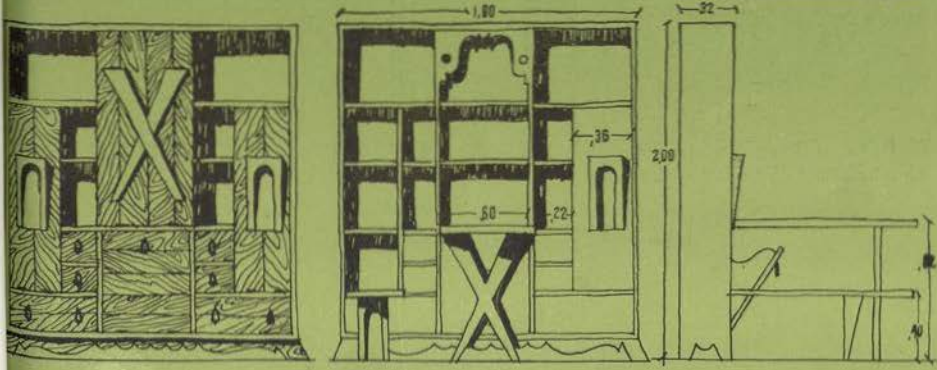
frente

Cantos em chapa de ferro batido

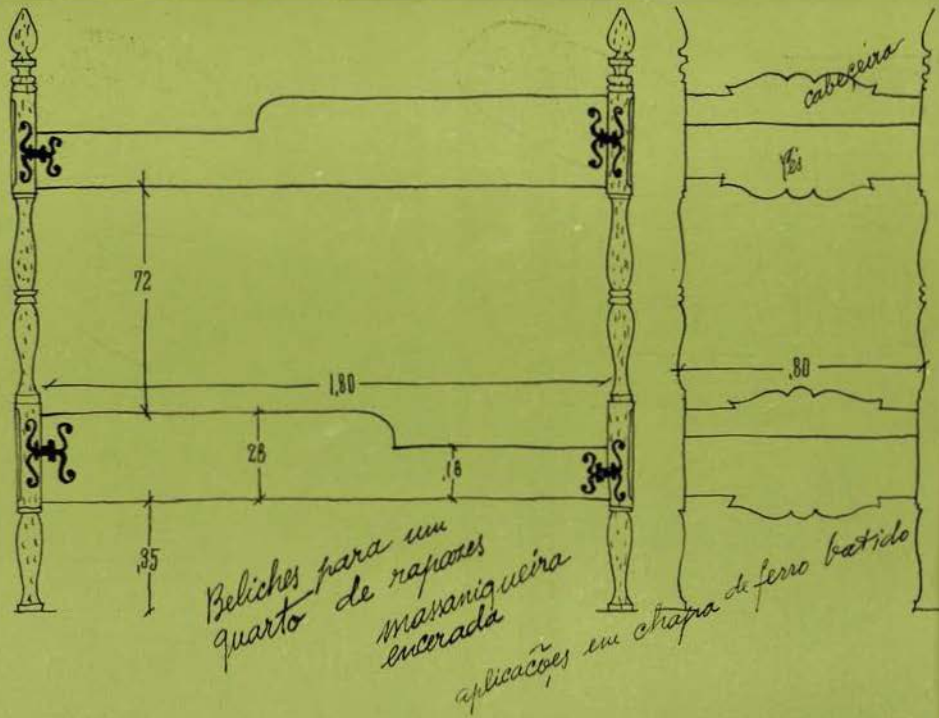
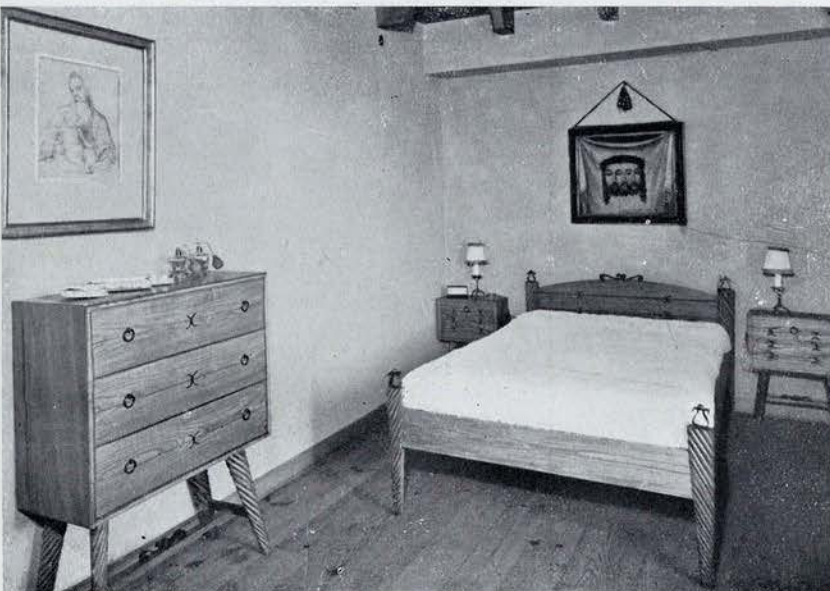
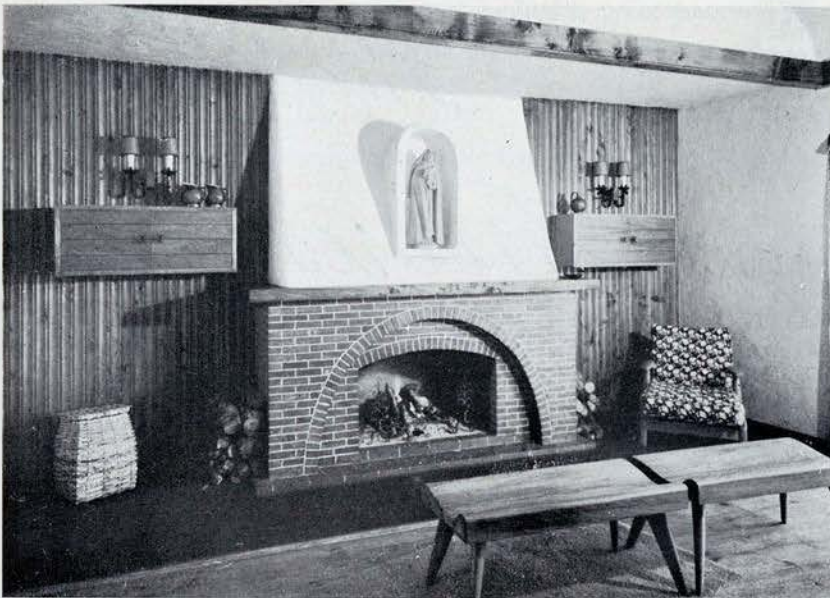
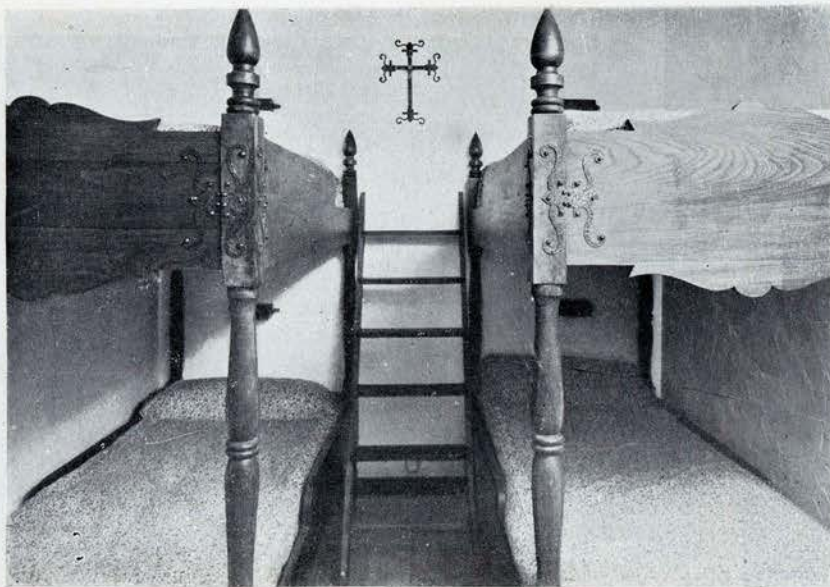
cardas

Casa de jantar PORTA

Cosinha ARMARIOS

Ferro forjado

PUXADOR

NÊSSE tempo, de que não estamos muito longe, era assim: — Quem mandasse construir, comprasse ou alugasse ao ano um casarão para veranear, ia aos sótãos ou às arrecadações da casa da cidade e acordava todos os trastes velhos, desirmanados, partidos e fora de moda que lá se foram empilhando.

Tôda essa cangalhada servia às mil maravilhas para rechear as dependências onde as pessoas se dispunham a gozar, ou seja: a sofrer os meses mais aprazíveis do ano: — Camas de ferro torcido e enferrujado... Lavatórios partidos... Mesas desconjuntadas... Cadeiras de palhinha rôta... Gordos baús pelados... Sofás com as tripas de fora... Armários do tempo da outra senhora... Prateleiras periclitantes... Cortinas e tapetes ruidos pela traça...

— e, às vezes, como supremo horror, algumas peças prehistóricas... de meados de 1900!

cabeceira
pés
72
1,80
,80
28
,18
,35
Beliches para um quarto de rapazes
massaniqueira encerada
aplicações em chapa de ferro batido
espelho
,50
colocação dos cabides no interior
1,20
1,20
Guarda fato do mesmo quarto
Tom

Os *chalés* e outros casarões inestéticos que durante largos anos se foram construindo por essas praias e campos do país — já não se usam. Isto é: usam-se, com desgôsto, enquanto durarem... Agora, quem manda construir uma casa para passar o verão, já tem outros modelos mais dignos para se inspirar.

A arquitectura moderna possui, entre outras, estas nobres virtudes, muito à feição da nossa paìsagem: simplicidade e alegria.

Quanto aos interiores, a fórmula é esta: bom gôsto e confôrto. O confôrto e o bom gôsto não forçam a opulência. As madeiras podem ser de árvores modestas — até de pinho — e os móveis resultarem mais belos e cómodos do que êsses que por aí se vendem, construídos em mogno maciço ou em custosos e débeis contra-placados.

O que importa, é que o ambiente esteja harmónico com a arquitectura e a paìsagem. Para isso, os estilos tradicionais do país e os próprios materiais das regiões são os mais aconselháveis, tanto para o desenho e construção do mobiliário, como para os objectos de uso e de ornamentação. É o que provam, admiràvelmente, os interiores aqui reproduzidos, da casa da Quinta de Fóios, em Azeitão — propriedade particular recentemente decorada por Tomaz de Melo (Tom).

Fotos de Mário Novaes

Bichos Árvores e Sol

QUANDO LISBOA DIZ: "O JARDIM"—REFERE-SE AO JARDIM ZOOLÓGICO

Um *grou-coroado*, parente de pavões e garças pelo físico e pelos tombos genealógicos dos metódicos naturalistas, saltaricava provocações de pernalta travêsso a que os vizinhos pelicanos — de tão altruísta tradição, mas pesados de burguesismo — reagiam com o espanto a abrir-lhes os bicos inverosímeis, caricaturais, naqueles sacos como para caçarem borboletas ou pescarem mariscos... Avestruzes — inveja de dispépticos... — eram apenas pescoços depenados, imensos, emergindo da vala que lhes limita o cercado. Ou cirandavam, lembrados de desertos, vestidos de prêto e mostrando coxas côr de coral, sugerindo cómicas «can-canistas» de 1900, mais do que a *Dança das Horas* na versão plástica de Disney.

Perto, a muda girafa olhava a luz, sem a perceber... E flamingos-rosa ornamentavam, preciosamente, essas relvas que mais não são do que pretexto verde às delicadas florações vivas.

O sol cristalinizava tudo. A nitidez do Pintor primaveril, agradeciam-na, decerto, as plumagens de aguarela, as esmeraldas herbáceas, os botões do «Grande Roseiral de Lisboa», as listras das zebras, o requinte miüdinho do pato-mandarim (que os patos vulgares e os gansos não entendem, à semelhança dos ocidentais em frente da China hermética), os leopardos na jaula-palácio, graves e *narcisos* sem contradição — e as alamedas, o portão, os buxos tosquiados, a fachada rememorante do «reino-de-Farrobo» — as *Laranjeiras*, hoje «regressadas à sua antiga unidade e ao seu esplendor tradicional», conforme pode ler-se no mármore agradecido ao Sr. Dr. Francisco Vieira Machado, Ministro das Colónias, que em 1940 tornou possível tão justo bem.

Tudo quanto é policromo, lavado de tons, perfeito de academia ou pitoresco, ama a claridade e lhe rende graças. No *Jardim Zoológico* — e no Mundo inteiro! Mas quando cava sulcos de caricatura dorida e padece de bacidez; quando sabe que é repulsivo ou até apenas insignificante, opado de miséria, melancólico ou sujo, prefere névoas pardas e dilúculos. Os abutres necrófilos (também as águias, nobres mas feias, na mesma gaiola daqueles), os dromedários, a surrarem bossas hirsutas do sineiro de «Nôtre-Dame», o chacal, os lôbos, os próprios leões, piscavam miradas de vergonha e desamor ao Sol. Os ursos, gordos fardos de pêlo, lambiam água no cimento, a refrescar-se, mal resignados de não avezarem neve.

Só a girafa se conservava indiferente, por estúpida e entupida. E o hipopótamo, por conformismo, além de por outra razão ainda: lograr piscina, como as «flappers» de Los Angeles (mais parecidas, por sinal, em esbelteza e, algumas, em incompreensão, com a outra apática).

Todavia, na aleluia eufórica das catatuas e flores, como na resmunguice dos suídeos ou na hipocondria dos marabus penitentes, o que lateja sempre é a vida, Vida, VIDA! Ursos, na sua *Cova* pedregosa; leões do *Solar;* antílopes, sonhando com o projectado *Monte* (antevisionado pelo arquitecto Raúl Lino, a quem tôdas as citadas realizações se devem, em quadro existente no chalé-Secretaria) não figuram fenómenos de feira. É bizarro sondar-lhes a diferença entre o ar natural e o resignado entorpecimento dos bichos apresentados em «ménageries» vagabundas.

É que, perto, brincam crianças, no *Jardim dos Pequeninos;* patinam adolescentes lépidos, no «rink»; há merendas elegantes e recintos de dança; desabrocham rosas no *Grande Roseiral.* É que o milagre do Parque de Aclimação, para produzir-se,

queimou desinteressadas abnegações (qualquer vivente é menos ingrato que o comum dos homens...) e, além da alcandorada Memória erigida pelo Barão de Quintela ao «Muito Alto e Muito Poderoso Senhor D João VI», o bronze e a pedra consagram, sem estridências, porque a gratidão franca pode ser sóbria, nomes de dedicados Amigos dos animais, inclusive daqueles que não podem considerar-se, sem algum esfôrço de abstracção, «animais-nossos-amigos»...

Adriano Coelho, «benemérito e director»; António Loureiro, morto aos setenta anos, após um período na mor-parte votado à missão indesdenhável pelo «Poverello», de Assis; Manuel Emídio da Silva, administrador desde 1911 a 1936, continuado, no Conselho de Administração actual, por seu filho, o Professor Fernando Emídio da Silva. Dezenas!

Ler os relatórios e os *pareceres* dos últimos anos não se parece, de nenhum modo, com tarefa árida e árdua: os números bons exprimem ascensão e conforta a certeza de haver compreensivas atitudes, como a da Senhora americana a quem os jornais de Março se referiram, para contar a linda história de um *banco-ornato*, então inaugurado. Apenas o seguinte — e sintam como é grande o recheio moral da curtinha narração: Em 1940 chegou às *Laranjeiras* uma carta-anónima. O anonimato, dessa vez, era nobreza da maior; as linhas perlavam-se de enternecimento e, apenso, traziam ponderoso donativo, tão inestimável, quási, como elas. Coração de mulher, sensível à beleza da paisagem, contava maravilhas e seduções daquele recinto. Desculpava-se do que reputava ousio: querer recompensar encanto... E sòmente desvendava a sua nacionalidade. O nome — para quê?! O conto é êste. Representaria desacato comentá-lo. O epílogo, bem digno dêle: agora, em recanto dos mais fascinantes, releva o traçado de uma banqueta, desenhada e construída pelo arquitecto Raúl Lino, em hora elevada de arte.

★ ★ ★

Lisboa, a Lisboa dos domingos de sol — que já não constam apenas de fatais saladas fadistas nos *retiros*, nem rixas de *chinquilho* e vinho, — Lisboa quere às *Laranjeiras*, como a Boa Senhora. Reminiscências (por que não?!) dos rimanceiros, trovando meninas sentadas «à sombra de um laranjal»...

E tanto lhe quere, que, quando diz simplesmente: — «Estive no *Jardim*» ou «vou ao *Jardim*», não deseja significar senão que esteve a visitar ou visitará o «Jardim Zoológico e de Aclimação».

Aos parques, como aos íntimos, não é mister nem é uso chamar nome e *apelido*... Quando há estima, chega o primeiro.

RODRIGO DE MELLO.

Fotos de Artur Santos

O Palace Hotel e o Campo de «golf» de Vidago. Fotos Alvão e Otto Auer

VIDAGO

A estância que possui as mais importantes águas alcalinas de Portugal, de aplicação eficiente em diversas doenças, principalmente do estômago.

Situada no coração de Trás-os-Montes, com hotéis magníficos — entre êles o *Palace*, luxuosamente montado.

As águas, da natureza das de Vichy, avantajam-se-lhe em muitos aspectos, mesmo na *alcalinidade*. São aconselhadas, com êxito seguro: — nas dispepcias e gastrites primitivas e secundárias; na gôta, sem deformações articulares; obesidade dos pletóricos; diabetes sem desnutrição e litíase renal úrica e oxálica; nas disfunções hepato-biliares e quando a reserva alcalina do sangue diminui.

O Balneário de Vidago possui uma instalação modelar, só comparável à das melhores estâncias estrangeiras.

Gabinetes para massagens, instalações apropriadas para tratamentos *ginecológicos* e para *enteroclismo*. — Raios X. — Laboratório de análises clínicas. — Permanente e competentíssima assistência médica.

Um parque frondoso, de rara beleza.

Pontos de vista surpreendentes.

Jardins viçosos.

Ténis, patinagem, campo de «golf».

Passeios encantadores.

Diversões.

Aspectos do parque e do balneário das Pedras Salgadas. Fotos Alvão

PEDRAS SALGADAS

ENCONTRA-SE na margem esquerda do rio Avelames, afluente do Tâmega, na vertente oeste do Vale de Sabroso — no distrito de Vila Real — a 600 metros acima do nível do mar.

Clima delicioso, sem umidade elevada e sem nevoeiros. Ar puro e estimulante para os deprimidos e anémicos, calmante para os excitados.

Cinco nascentes, alinhadas numa bela avenida arborizada, donde brota a sua maravilhosa água, mundialmente apreciada e de aplicação variadíssima, sobretudo para as doenças do aparelho digestivo, insuficiências hepáticas, reumatismo, diabetes e obesidade.

Balneário instalado num amplo edifício, onde os doentes encontram tudo quanto é necessário: — duches (com cabines especiais de duches sub-aquáticos), serviço de massagem (com pessoal especializado em escolas estrangeiras), a secção de banhos de imersão, etc.

Numerosos hotéis e pensões.

Casino — com festas constantes.

Todos os desportos de campo.

Excursões e passeios de beleza inexcedível.

LUSO

Luso e Buçaco são dois nomes que aparecem quási sempre ligados. Não admira que assim seja, pois trata-se de duas estâncias contíguas, de privilegiada situação — mesmo no centro do país — e de inesgotáveis atractivos turísticos. Mas há que distinguí-las, geogràficamente: — O Luso é uma aldeia, uma pitoresca e risonha aldeia, e o Buçaco uma serra. No entanto...

Quem vai para o Luso, é como ir para o Buçaco — e vice-versa. Daí as vantagens e encantos especiais destas estâncias vizinhas, de cura hidromineral e de repouso. — O Luso, povoação alegre e socegada, encontra-se numa suave encosta no extremo noroeste das faldas da serra do Buçaco, cêrca de duzentos metros acima do nível do mar.

Clima deliciosamente temperado, atmosfera límpida, com raros nevoeiros e sem umidade excessiva, devido à sua acidentação média e à boa permeabilidade do solo.

As águas são recomendadas para o tratamento de doenças de nutrição, albomina, estados anafiláticos, etc. Os *banhos rádio-gazosos* de Luso produzem sôbre a híper-tensão arterial efeitos benéficos, devido à emanação de gazes rádio-activos — que em nenhuma outra estância do país se encontram naquele grau.

Há muitos *hotéis* e *pensões,* um *Casino* magnífico, uma ampla e moderna *Piscina* e divertimentos numerosos.

BUÇACO

Só para admirar a frondosa floresta de cêdros e carvalhos seculares, de árvores exóticas e gigantescas, e a sua Mata maravilhosa, vale a pena visitar o Buçaco. Mas há ali muitos outros motivos de encantamento: — um vetusto e belo mosteiro, situado a 400 metros de altitude, a meio da mata; a sinuosa Via-Sacra e as numerosas grutas e fontes artísticas, donde brota deliciosa água potável, fresquíssima e cristalina. Mesmo junto ao Mosteiro encontra-se o sumptuoso *Palace-Hotel,* cujas instalações, repletas de comodidades e de gôsto irrepreensível, são famosas. Poucos hotéis da Europa se lhe podem comparar.

Ao alto: Um ângulo da Mata do Buçaco. — Em baixo: Aspecto do Balneário e Termas do Luso

Fotos Beleza

À esquerda: Uma sumptuosa galeria do Palace Hotel do Buçaco. — Em baixo: Fonte de São João, no Luso

Fotos Beleza

Casino, Cinema, Teatro, Grande Parque com um lago enormíssimo, Telégrafo, Telefone, Consultórios médicos, Hotéis e Pensões de tôdas as categorias.

Uma piscina de classe internacional — a *Piscina-Praia «Paraíso»*. É de água corrente, com as dimensões olímpicas. Dentro do recinto há uma modelar instalação de aparelhos para desenvolvimento físico. Durante o verão organizam-se freqüentes torneios a que concorrem, em grande número, desportistas nacionais e estrangeiros, na disputa de valiosos prémios.

GEREZ

ESTÂNCIA famosa, magnífica para repouso e cura, e que é, também, um esplêndido centro de turismo, enriquecido pela deslumbrante paìsagem da serra do Gerez.

A 45 quilómetros de Braga. Ligações de Caminho de Ferro freqüentes para o norte e para o sul do país.

As águas termais são as mais ricas em fluor que se encontram na Europa. Operam verdadeiras ressurreições nos impaludados anémicos; aumenta as fôrças, melhora a disposição e diminui consideràvelmente o volume do fígado e do baço.

Altitude média. — Clima excelente. — Ar puro. Água potável saborosa, inodora e levíssima.

Tanto a sua instalação termal, como a parte principal da povoação, assentam na margem esquerda do rio Gerez, num sítio muito abrigado, entre serras, com um vasto lago ao centro onde se reflecte a pequena floresta de cêdros circundantes, a gruta, a ponte e o sobranceiro panorama alpestre que lhe fica ao norte.

Alpinismo e campismo.

Caça, pesca, ténis e passeios deliciosos: — Bancos do Ramalho, Salas, Perguiça, Pé de Cabril e Calcedónia.

Bons hotéis e pensões.

Todos os trechos paìsagísticos do Gerez são, como êste, maravilhosos. — Fotos Alvão

Um belo aspecto do grande lago do Parque da Curia. — Uma manhã na Piscina-Praia «Paraíso». — Fotos Soares

CURIA

CIRCUNDADA pelas serras do Caramulo, Buçaco e Lousã, a Curia rivaliza com as mais belas termas estrangeiras, tanto pelos encantos paisagísticos, como pelas condições turísticas e a água preciosa que emana das suas três nascentes: *Principal*, *Albano Coutinho* e dos *Olhos* — que pouco diferem entre si na composição química.

É a estância mais indicada para uma *cura de diurese*. A água possui um *poder zimosténico*, uma acção *anti-tóxica* e ainda uma acção *anti-anafilática*. São várias as suas indicações terapêuticas: — reumatismo crónico, hiper-tensão arterial, insuficiência hepática, nevrites, etc.

O balneário da Curia é um edifício moderno e grandioso, cujos serviços hidroterápicos estão montados com o maior rigor técnico e tôdas as comodidades para os doentes.

CALDELAS

Estância de repouso ideal — e célebre pelas curas das suas águas.

Encontra-se na freguesia de S. Tiago, do concelho de Amares, em pleno coração do Minho. Paisagem de sonho: — colorida, variada, alegre, à qual (e esta é uma das suas grandes virtudes terapêuticas) não há neurastenia que resista.

Caldelas atrai, todos os anos, uma população enorme de veraneantes que procuram retemperar o organismo no ar puro que nela se respira e na água que brota das suas seis nascentes, — água incomparável para o tratamento de entero-colites, doenças de pele, do fígado e do baço, obesidade, artritismo, anemias palustres, gôta, etc.

Nos seus amplos edifícios termais — o Balneário e os Duches — estão admiràvelmente montados serviços de hidro-terapia completos.

Há hotéis, com tôdas as comodidades. — Ascensor para o balneário.

Pensões e casas para alugar.

Podem praticar-se vários desportos de campo.

Promovem-se, com freqüência, festas e diversões.

Belas excursões nos arredores, ao longo de estradas e caminhos que proporcionam deslumbrantes panoramas.

O Hotel Belavista, em Caldelas — Foto Beleza

Um trecho paisagístico e vista aérea de Monte Real

Fotos Aero Clube de Leiria e Mário C. Cardoso

MONTE REAL

Como a maior parte das termas cujas características somos forçados a resumir em breves linhas, Monte Real é assunto susceptível de desenvolver-se em várias páginas.

A poucos quilómetros da cidade de Leiria, a vila dêste bonito nome fica no cume duma pitoresca e aprazível colina, profusamente arborizada.

As fontes termais estão situadas entre pinheiros e eucaliptos, cujas sombras convidam a longos e salutares repousos.

As águas — de efeitos benéficos para numerosas doenças e de cura decisiva em muitos casos — são sulfurosas cálcicas, análogas às de Enghein e de Cambo.

Os arredores da vila (para não falar das acessíveis e lindas praias da região, como São Pedro de Moel, Pedrógão e Vieira e, também, de Leiria e Batalha, oferecem aos aqüistas passeios encantadores, através de trechos paisagísticos em que predominam os férteis vinhedos estremenhos.

Numa povoação que se vai desenvolvendo, no gracioso traçado dum plano de urbanismo inteligentemente estudado, avulta o edifício do seu Hotel-Casino, amplo e acertadamente enquadrado na paisagem.

Quási em frente, a pequena igreja em construção, promete aos crentes o ambiente das suas orações devotas.

Seguindo por uma larga alameda, encontramos, depois do consultório médico de clínicos especializados, o vasto balneário, ùltimamente ampliado e remodelado.

E para que nada falte ali, muito perto, o campo de aviação — em que se têm realizado certames e provas aeronáuticas — oferece aterragem a quem queira visitar, de avião, Monte Real e os seus belos arredores.

O Convento dos Franciscanos (Destêrro) — e a Cascata e ponte do Vale do Paraíso, em Monchique. Fotos Beleza

JÁ de há muito conhecidas pela *Sintra do Algarve*, as Caldas de Monchique estão situadas no meio duma paìsagem encantadora, enriquecida por surpreendentes espécies da flora indígena e tropical.

Águas hiposalinas, cloretadas, bicarbonatadas sódicas, cálcicas e siliciosas, a uma temperatura normal de 32°,5 e com um riquíssimo caudal de 500.000 litros em cada 24 horas.

São especialmente recomendadas, pelo reconhecido êxito da sua aplicação, em casos de reumatismo, dispepsias e doenças da pele.

De ano para ano aumenta a afluência de veraneantes e aqüistas, alguns de províncias distantes, a esta aprazível estância de cura e de repouso, que é um dos mais importantes centros de turismo do sul do país.

Estão em curso nas Caldas de Monchique obras grandiosas, que muito as valorizarão, dentro em breve.

Clima óptimo. — Ar puríssimo.

Passeios admiráveis: — à *Mata*, à *Fonte dos Amores*, à *Quinta da Francesa*, aos *Moinhos* e ao alto da serra, donde se abrange um panorama incomparável.

Boas pensões e grande variedade de divertimentos.

C.DAS DE MONCHIQUE

C.DAS DAS FELGUEIRAS

NA margem direita do Mondego — concelho de Nelas — numa das mais ridentes regiões do nosso continente, a 220 metros de altitude.

Clima sêco. Arborização luxuriante.

Excelentes e confortáveis hotéis.

Estradas óptimas.

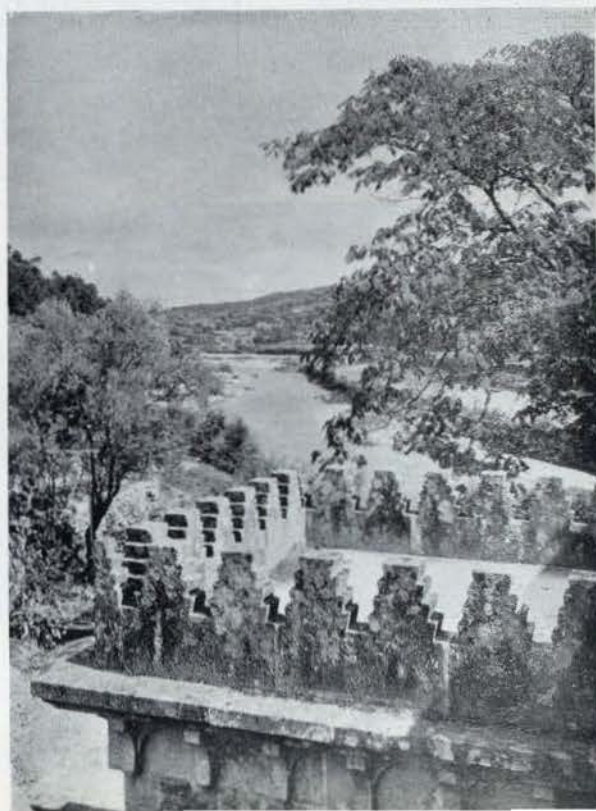
As águas destas Caldas usam-se interna e externamente, e são aconselhadas, sobretudo, nas doenças de pele, vias respiratórias, e nos casos de hiper-tensão arterial, astenia, flebites, diabetes, etc.

O estabelecimento termal está perfeitamente apetrechado, com salas e aparelhagem para tôda a espécie de banhos, irrigações e outros tratamentos medicinais.

Arredores muito pitorescos.

Belos passeios e excursões: Urgeiriça, Nelas, Ceia, etc.

Estradas e caminhos esplêndidos para automobilismo, ciclismo e equitação. Locais para campismo.

Ponte sôbre o Mondego e uma vista do mesmo rio, em Caldas da Felgueira. Fotos Beleza

VIZELA

Centro consagrado de turismo, dominando uma das mais coloridas paìsagens da risonha província do Minho, circundada de montes, a vila de Vizela é atravessada pelo rio que tem o seu nome, e está ligada às principais cidades nortenhas por estradas óptimas e pelo Caminho de Ferro.

Isto não significa que sejam apenas do norte os freqüentadores da estância hidrológica de Vizela, pois de tôdas as províncias portuguesas e de vários países estrangeiros afluem doentes que procuram o lenitivo e a cura das suas «águas milagrosas», de aplicação diversíssima: — reumatismo, nevralgias, dermatoses, paralisias, sífilis, faringites, rinites, bronquites, etc.

Há cinco estabelecimentos termais — quatro na margem direita e um na margem esquerda do rio.

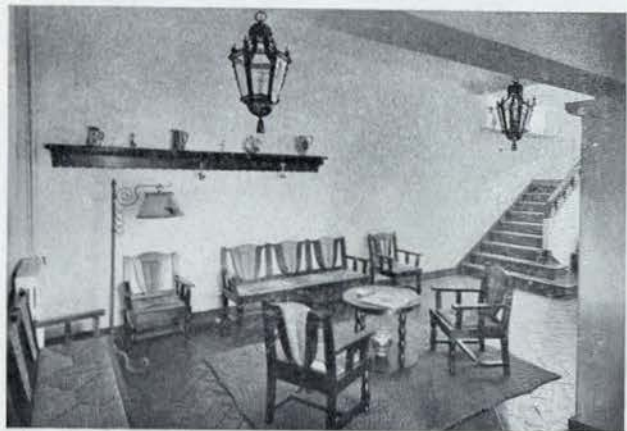
Vizela possui um parque grandioso, com mata e jardins lindíssimos, que constitui a principal atracção turística da vila.

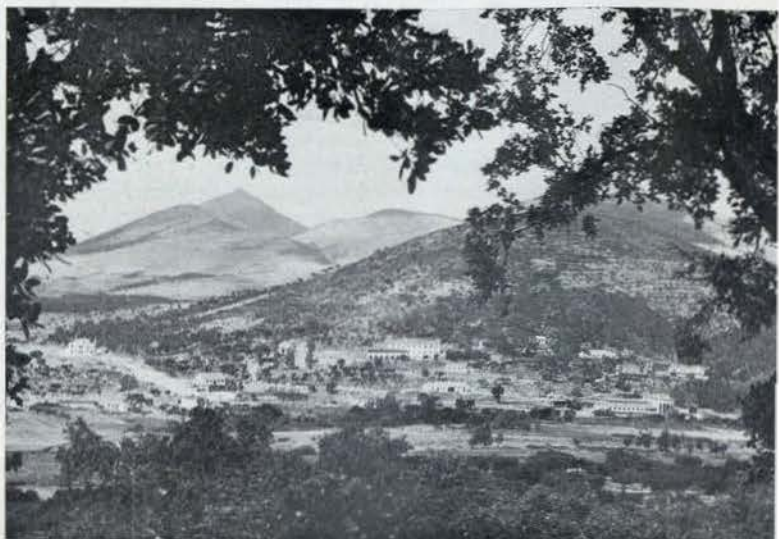
Vários desportos praticáveis: — ténis, «croquet», patinagem, ciclismo, etc.

Há muitos locais e monumentos nos arredores que merecem ser visitados, como: — São Miguel de Vilarinho, Felgueiras, o monte de S. Bento, o Santuário de Santa Quitéria, os conventos de Santo Tirso, de Pombeiro e de Roriz e o mosteiro de Barrosas. — Hotéis e Pensões. — Cine-Teatro. — Casino.

MONFORTINHO

Estas termas já eram muito freqüentadas no século VXIII, sendo as suas águas conhecidas pela «prodigiosa virtude de sarar várias enfermidades, bebidas ou aplicadas em banhos». Com o tempo, essa virtude confirmou-se, cientìficamente, e hoje (graças aos notáveis melhoramentos que aí se têm feito) a estância é concorridíssima, tanto pelos doentes das regiões vizinhas, como já pelos das províncias do Ribatejo e do Alentejo.

A grande nascente das preciosas águas de Monfortinho — conhecida pela *Fonte Santa* — está situada na bucólica margem esquerda do rio Ergêa, a dois quilómetros e meio da povoação, no distrito de Castelo Branco. — As águas são indicadas para diversas doenças: — afecções gastro-intestinais, artritismo, gôta, diabetes, etc.

De cima para baixo: — Vista parcial e um trecho do Parque de Vizela. — Salinha de leitura do hotel e um aspecto panorâmico de Monfortinho

Fotos Beleza e Alvão

As nossas Praias

FOCADAS POR ALVÃO

Na pitoresca Vila do Conde

Panorâmica da bela e vasta praia da Póvoa de Varzim

Junto ao Portinho da Arrábida

Um aspecto da vida piscatória de Pedrógão — e a magnífica piscina da Granja

Um ângulo da Nazaré

JANELAS

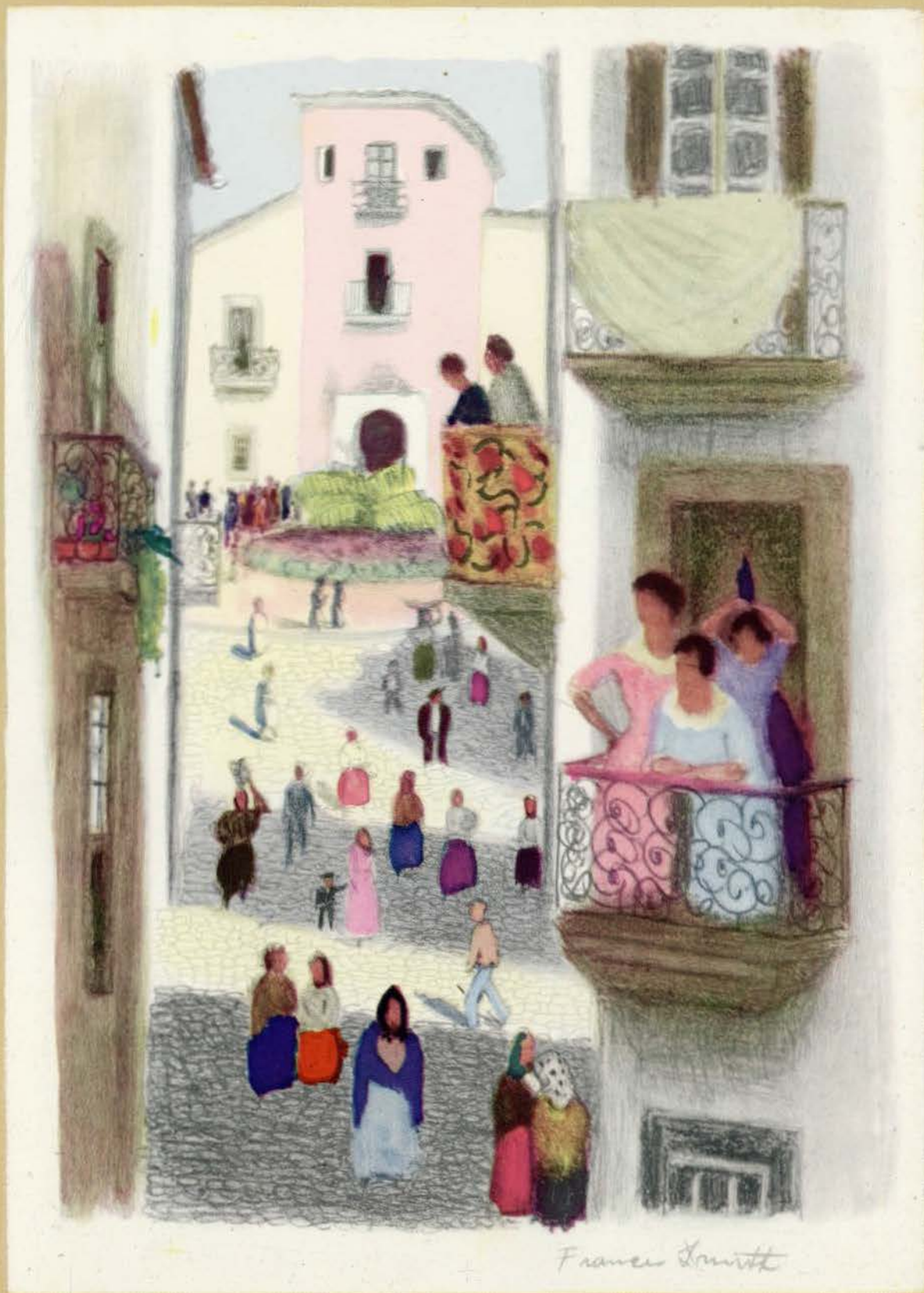
UM QUADRO SEM MOLDURA, POR MAIS BELO QUE SEJA, PERDE MUITO DO SEU ENCANTO. MAS SE A MOLDURA NAO FÔR BONITA, O QUADRO TAMBÉM SOFRE AS CONSEQUÊNCIAS. AS NOSSAS JANELAS SAO, QUASI SEMPRE, MOLDURAS DE LINDAS PAISAGENS.

DEVEMOS, POR ISSO, CUIDAR DAS NOSSAS JANELAS. COMO? DE MODO BEM SIMPLES: ORNAMENTANDO-AS COM CORTINAS GRACIOSAS, GELOSIAS PINTADAS DE CÔRES CLARAS, VASOS E CAIXAS DE FLORES GARRIDAS E DE PLANTAS TREPADEIRAS.

E VARANDAS PORTUGUESAS

São numerosas, em Portugal, as janelas e varandas assim, alegremente floridas e enfeitadas com gôsto decorativo.

A Câmara Municipal de Abrantes fornece, gratuitamente, à população da cidade, plantas e flores ornamentais, para êste efeito. É um exemplo digno de registar-se, e de ser seguido, a bem do turismo, por outros municípios.

Fotos de Tom

O pitoresco das janelas e varandas tem seduzido numerosos artistas, como o notável pintor Francisco Smith — autor dêste quadro

Reprodução em fotolito, Fotogravura Nacional
Impressão em offset, da Litografia de Portugal, Lisboa

Na Mata da Caparica e na Foz do Arelho

F. N. A. T.

COLÓNIAS DE FÉRIAS

NAS grandes colmeias humanas que são as cidades, o homem, dado a labuta diária, vive amarrado a um sem-número de preocupações que lhe esgotam as energias e lhe ensombram a alegria de viver. Por isso êle procura, na quadra do ano mais deprimente para a saúde, a vida ao ar livre — tónico para o organismo e bálsamo para o espírito.

Deixar a cidade, nessa época, e ir para o campo ou beira-mar, é aspiração que a todos seduz. Mas vê-la tornada realidade, é fortuna reservada para poucos.

O trabalhador, vivendo do magro salário, não pode, por si só, pensar em realizar êsse projecto.

A vida ao ar livre com que todos sonham para passar as férias, era para o trabalhador uma ima-

Ar livre! Ar livre, para as crianças pobres! Sem sol, sem mar, sem campo — é inútil tôda a acção de assistência social.

gem poética... E para os seus filhos um sonho não sonhado...

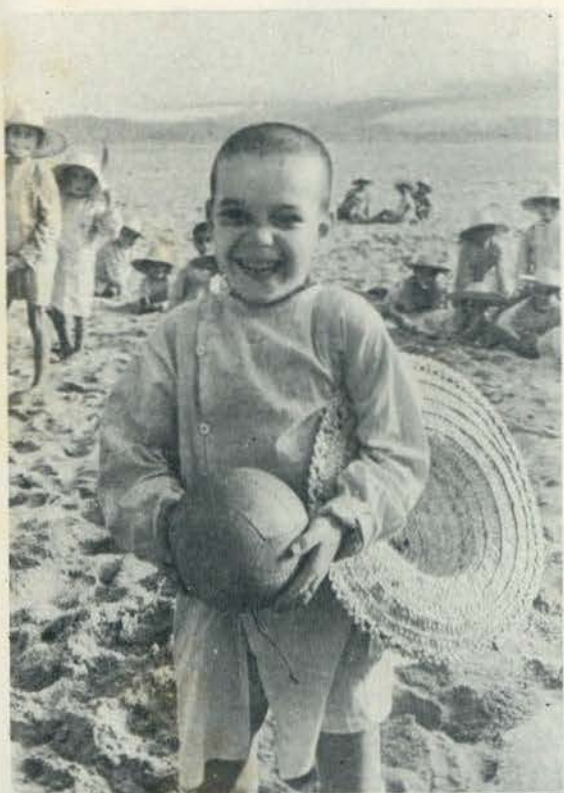
Encontrar «um lugar ao sol» para o trabalhador e seus filhos, em defeza da sua saúde e como justa recompensa da sua missão, é dever do Estado—que a essa tarefa meteu ombros, procurando defender «os seus legítimos interêsses materiais» e atendendo às suas condições de vida nas «horas de folga e de prazer». E, assim, o trabalhador começou a abandonar o bairro sórdido onde sempre viveu, para se instalar nos «bairros económicos», arejados e higiénicos. Da taberna, centro de degradação moral, intelectual e física, vai transitando para as Casas do Povo e dos Pescadores, meios de dignificação do espírito de família e de camaradagem. E dos centros de trabalho, chegada a época calmosa, passou para as «Colónias de Férias», que a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho lhe preparou, com esmerado cuidado: — uma na Mata da Caparica, que recebeu a designação de «Um lugar ao Sol», destinada aos trabalhadores e seus filhos, já com quatro anos de existência e por onde passaram mais de 2.000 pessoas; outras, a «General Carmona», junto à Lagôa de Óbidos, na Foz do Arelho, e a «Doutor Oliveira Salazar», na Praia da Aguda, fundada há dois anos e de que já beneficiaram cêrca de 2.500 crianças, filhos de trabalhadores inscritos nas Casas do Povo. E mais duas se encontram em construção, uma na Caparica, situada no litoral da Mata, e outra numa praia do Algarve, que serão inauguradas no próximo ano.

Estas crianças, arrancadas aos bairros pobres das cidades e levadas para o ar livre, sentiram, decerto, pela primeira vez, a verdadeira alegria de viver. Ali, o mundo é todo delas... Os campos relvados e as praias doiradas, com todos os seus motivos de natural decoração, abrem-se a seus olhos, num deslumbramento. E a distância do mar, com navios soltando colunas de fumo ou abrindo velas a todos os ventos, ensina-lhes a grande lição da nossa raça de navegadores. Em presença da natureza, essas crianças da cidade e dos bairros pobres sentem que a vida tem um sentido de beleza.

Entre os saudáveis pinhais que orlam o nosso litoral, vêem-se agora casinhas assim, risonhas e floridas, onde se instalam, gratuitamente, os filhos dos nossos operários.

Quando regressam aos seus lares, já não vêm as mesmas. A vida do campo e do mar ensinou-lhes tanta coisa que ignoravam, abrindo-lhes o espírito para o amor da natureza! Voltam cheias de saúde e com a alma tocada de poesia. O bairro onde moram deixou para sempre de ser o seu mundo. Agora, já sabem que os belos caminhos da vida ficam para além da rua... E o céu já não é a nesga que vêem da ruela onde vivem. Já o viram cavado em lonjuras abismais, no deslumbramento das noites de luar, quando enxergaram as estrêlas cadentes a bordarem com suas pontas de oiro o manto negro do céu. Na terra viram as árvores carregar-se de frutos, os rios deslizarem em leitos com cortinas de arvoredo e as flores matizarem os campos. Brincaram à beirinha dos rios, ouvindo a sua canção suave. O campo deu-lhes a liberdade das correrias atrás das borboletas. E o mar ofereceu aos seus corpos lençóis azues, embalando-as nas suas ondas, que trazem as canções das praias de todo o mundo...

R. S.

Fotos Salazar Diniz

As colónias de férias da F. N. A. T. proporcionam a centenas de filhos de trabalhadores um convívio salutar com a natureza, tanto à beira-mar, como no campo.

Fotos de: Eng.º Higino Queiroz e Vessier

É lugar-comum exclamar-se perante um bonito trecho de paìsagem: — **Parece um bilhete postal!** Vem isto do tempo em que os autores de bilhetes postais tinham, ao menos, a probidade de fotografar e colorir o

Compete aos organismos de propaganda turística impedir que se publiquem postais de mau gôsto, como os que foram aqui riscados.

CAMPANHA DO BOM GOSTO

Devem promover-se concursos para a realização de postais ilustrados de propaganda turística.

que mais bonito lhes parecia. O gôsto podia ser (e era-o, muitas vezes) demasiado romântico, até delico-dôce, mas havia um sensível respeito pelo assunto focado e um apreciável sentido de qualidade.

Estas virtudes perderam-se, entre nós, e é preciso recuperá-las.

Um postal ilustrado — já aqui o dissemos — é uma coisa mais séria do que pode, à primeira vista, afigurar se. São pequenos cartazes que giram pelo mundo com extrema facilidade, explicando aos estranhos "como são" as paisagens, os monumentos e os tipos populares do país de origem.

¿Que há a esperar do efeito dum postal dêsses, quando a sua feitura é de mau gôsto e de qualidade miserável?

UMA boa fotografia exige conhecimentos técnicos especiais, mas, principalmente, vocação, ou seja: sensibilidade, gôsto artístico e paciência. PANORAMA publicará tôdas as provas fotográficas que lhe sejam enviadas — desde que possuam a qualidade das que aqui reproduzimos.

FOTOS JOÃO MARTINS

As nossas Praias

FOCADAS POR BELEZA

Sargaceiro — Esposende

Praia de Ancora

Praia de Espinho

Praia do Penéco — Albufeira

Ponta da Piedade — Lagos
Praia da Foz do Douro

A FAINA DA PESCA

Foto Raúl Reis

Eu tenho muito mêdo do turismo. Compreendo que êle exista, que se desenvolva e se organize, como indústria, mas tenho mêdo dêle. O turismo é um monstro. Um monstro necessário, mas um monstro.

O turismo sacode actividades sonolentas, impulsiona iniciativas arrojadas, gera melhoramentos públicos, anima, constrói, embeleza e produz receitas formidáveis. Não há dúvida absolutamente nenhuma, e seria estúpido fechar os olhos e os cofres do Estado a estas vantagens e benefícios magníficos. Mas é um monstro.

Por isto: porque ameaça destruir a coisa mais bela, mais séria, mais poética do mundo: — a naturalidade dos povos. Não por maldade, mas por inconsciência, por fatalidade.

ESPECTÁCULO SAGRADO

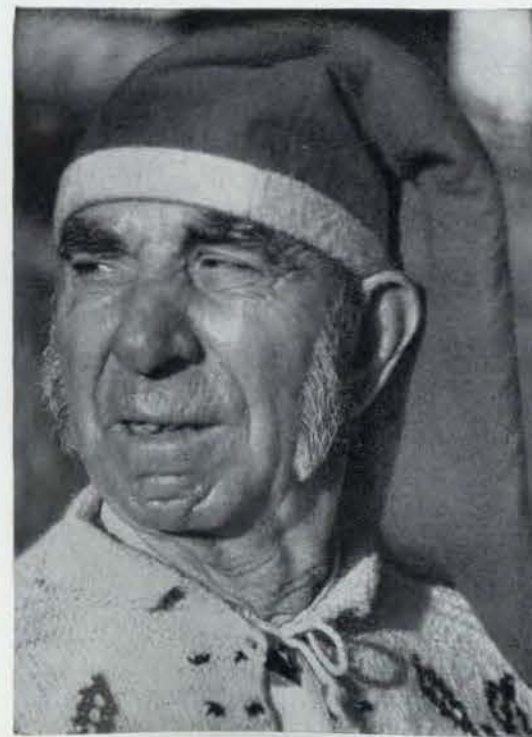
Onde o turismo nasce, não pára mais de crescer. E como cresce desmedidamente, deixa de caber nos centros urbanos, nas gares, nos hotéis, nos casinos, nas agências, nos guias e nas revistas e folhetos de propaganda. Invade as paisagens e o folclore, sobe pelas serras, alastra-se pelo litoral, apodera-se da arte, dos trajos regionais, dos costumes — de tudo! Dentro de pouco, mitològicamente, o país que gerou o monstro nas suas entranhas bem intencionadas, é engulido, devorado, eclipsado por êle.

O leitor deve estar admiradíssimo por assistir a uma explosão desta natureza, no seio duma revista que se diz *de turismo*. Não esteja. Exactamente aqui, nesta revista de turismo, é que devemos — enquanto êle é pequeno — domesticar o monstro.

É preciso evitar, a todo o custo, que êle entre onde não deve e, onde deve entrar, não se exceda! O turismo tem de ser amável — mas discreto; confortável — mas sóbrio; hospitaleiro — mas natural. Tem de saber respeitar várias coisas sagradas (a arte, a poesia da vida, a espontaneidade do povo), procurando servi-las, em vez de servir-se delas.

Nem assim, crescendo, o turismo deixará de ser um monstro. Pois não. Mas poderá vir a ser um monstro simpático, de maneiras urbanas e atitudes civilizadas.

¿E tudo isto, afinal, a-propósito da faina da pesca? — É verdade, a-propósito da faina da pesca. Admirável espectáculo, ein? — É verdade, admirável espectáculo. Mas um espectáculo sagrado, senhores exploradores de turismo e... senhores turistas!

Especular com êle, procurar ti-

Foi o mar que modelou esta expressão — Foto C. Vinagre

Fotos de Manfredo

rar qualquer partido menos desinteressado dêle, é um crime nefando, uma impureza sem perdão.

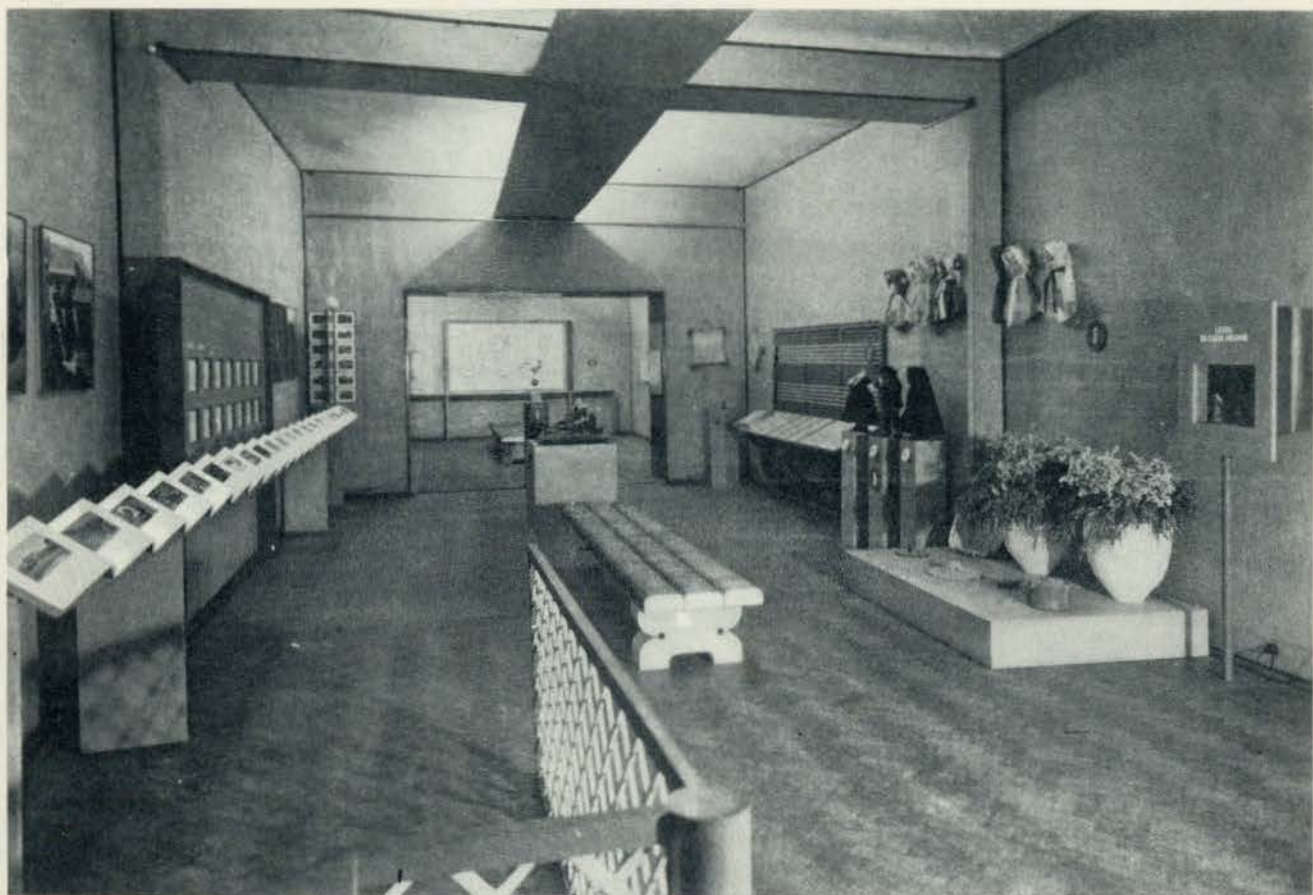
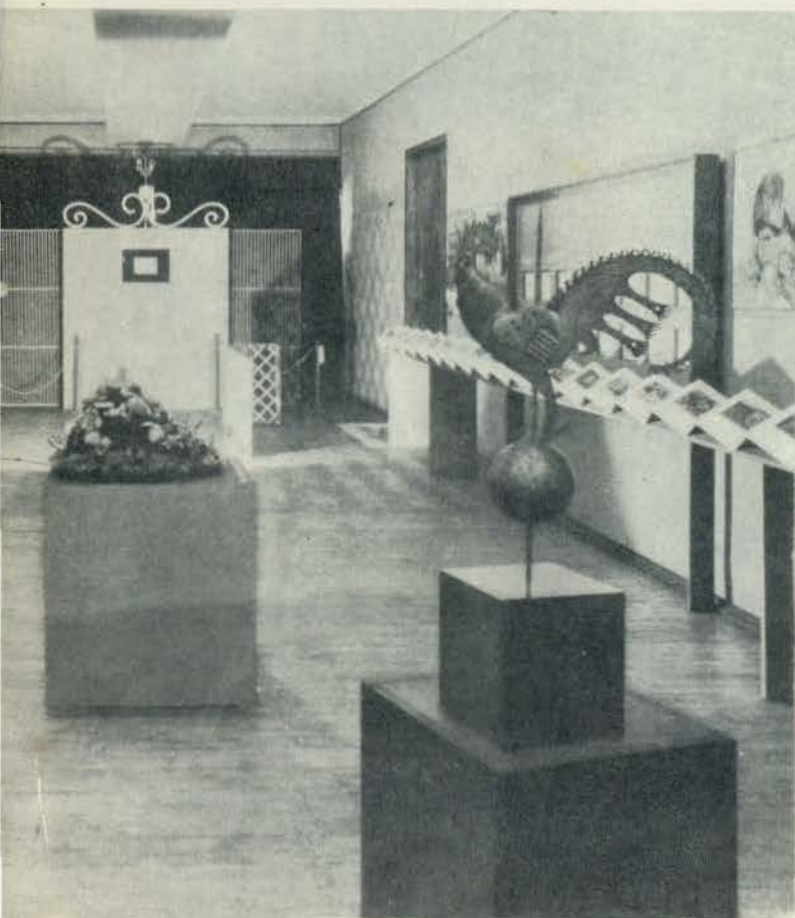
É bom que saibamos (todos nós, nacionais, e tôdas as gentes lá da fora) que o povo marítimo de Portugal ainda constitui um dos mais puros e nobres núcleos humanos do mundo; que os variadíssimos tipos de embarcações, as numerosas espécies de aparelhos de pescar, os estilos de trabalho e os costumes e usos tradicionais dêsse povo, se conservaram, até aos nossos dias, íntegros, admiráveis, de interêsse inexcedível.

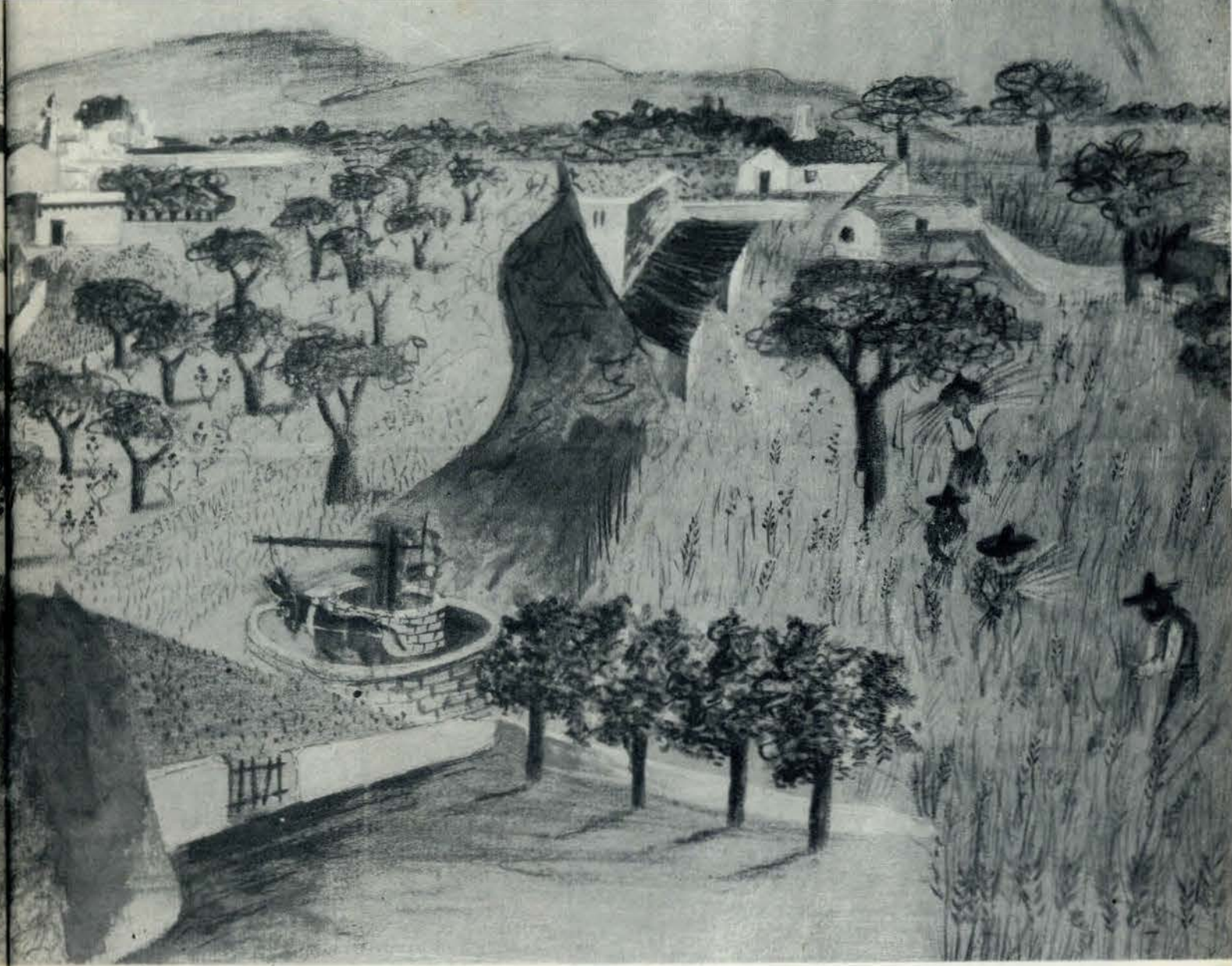
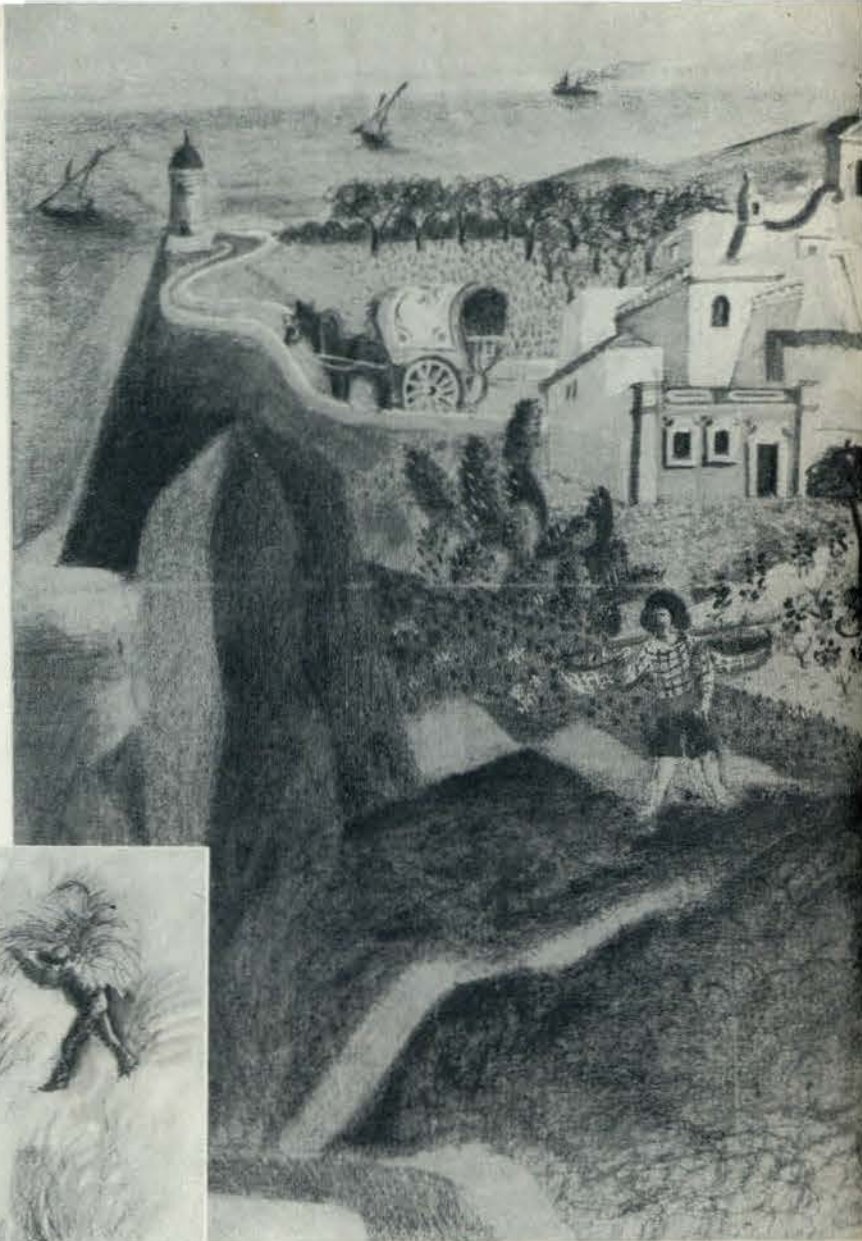
Também não faz mal que se saiba, *urbi et orbi,* que a faina da pesca, tão diversa e curiosa através das várias zonas do nosso litoral e nas margens dos nossos rios, representa — pela multiplicidade de aspectos, a riqueza de côr, a vibração humana e a graciosidade plástica — um dos mais belos espectáculos a que se pode assistir, hoje, neste prosáico planeta.

Mas que o turismo fique de largo — discreto, humilde, respeitoso. Que não ouse violar a intimidade dessa gente, nem especular com os seus costumes, nem forçar a sua naturalidade.

Porque o *país de turismo* ideal seria aquêle em que o seu povo (o seu povo pròpriamente dito) ignorasse a existência dêsse mesmo turismo.

CARLOS QUEIROZ

Foto de Pais Ramos

EXPOSIÇÃO DE MONSANTO NO S. P. N.

MONSANTO é aquela estranha, quási fantástica aldeia da Beira Baixa..., etc. Já todos o sabem. Falou-se dela durante meses e consagrámos-lhe, no nosso segundo número, algumas páginas elucidativas. Agora, propomo-nos apenas fixar êstes dois aspectos da sala onde o S. P. N. sintetizou, há pouco, a riqueza etnográfica e folclórica da... (tinha de ser!) da «aldeia mais portuguesa de Portugal». — O pintor Carlos Botelho foi o organizador e realizador dessa exposição encantadora, que podia ter tido a seguinte legenda de abertura: — «O galo de prata de Monsanto continua a cantar».

Fotos de Horácio Novaes

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

ALÉM DAS PRAIAS E ESTÂNCIAS TERMAIS HÁ OUTROS SÍTIOS ENCANTADORES PARA PASSAR O VERÃO

SAÍMOS as portas de qualquer cidade nossa, afastamo-nos alguns quilómetros . . . e estamos no campo. – Olha que novidade! dirão. Novidade não será, realmente. Mas devemos reparar nêste pormenor curioso, desconhecido na maioria dos paises europeus: é que, logo a breve distância dos aglomerados urbanos, a sua influência deixa de sentir-se. Por outras palavras: o campo é logo campo, com o seu carácter inconfundível, inteiro e intacto. E há milagres incríveis, como êste: homens feitos que labutam nos arredores de Lisboa e só vieram à capital uma vez única, na infância! Por isso o encanto peculiar da vida bucólica portuguesa, em todos os seus aspectos regionais – variadíssimos – da faina e dos festejos populares: ceifas, vindimas, apanha da azeitona, desfolhadas, romarias e feiras . . . Espectáculos sempre diferentes, optimistas e ricos de edificantes ensinamentos. Os nossos campos são, assim, nos meses de actividade agrícola, factores inestimáveis para o incremento do turismo nacional.

AS NOSSAS PRAIAS SÃO TÔDAS DIFERENTES

De vasto areal, mar forte e numerosa freqüência, como a praia da Caparica... (Ao alto da página)

Modestas e risonhas, de águas sem correntes e abrigadas, como a de Fão — a 3 quilómetros de Espozende...

De recorte acidentado, rochedos cenográficos e intensa vida piscatória, como a praia de Peniche...

E, até, artificiais, como a praia fluvial de Coimbra, já animadamente concorrida, como se vê na gravura.

Fotos de Pais Ramos, Amador, Rasteiro e C. Ribeiro

Monção

por MARIA FRANCO

VAI silencioso o rio Minho na sua côr indefinida, azul e transparente aqui, verde negro mais além. É como uma fina estampa japonesa. Da água emergem tufos de junco e, debruçados na margem, arbustos banham as largas fôlhas pendentes.

Em frente, na Galiza, pequenas casas espreitam-nos, por entre os pinheiros de grandes braços abertos, que parecem chamar-nos, e aos meus ouvidos chega de longe o brando som duma voz de mulher, cantando qualquer coisa de sabor religioso. As notas sobem, puríssimas, pairam no ar e, como uma bela oração, acolhem-se no Céu...

Perto de mim estão garotos no banho. Alguns secam-se ao sol, inteiramente nus, com inocente indiferença por olhos estranhos e tornam a mergulhar com gritos que rasgam o silêncio.

Sigo a comprida alameda arborizada de velhas tílias. Mulheres passam, ajeitando na cabeça os grandes lenços. Sorriem para mim, como antigos conhecimentos.

Tudo é tranqüilo, repousante, como o refúgio duma sombra num dia de Agôsto.

Os passeantes que eu encontro no jardim sobranceiro ao Balneário, andam calados, de gestos comedidos. Cedo a pouco e pouco ao encantamento daquela serenidade. Olho com emoção as árvores, a terra, o céu, que parecem adormecidos. Nada, nada perturba o morno silêncio que nos envolve.

Há aldeias a distância. Talvez me encaminhe para Merufe, que fica ali perto. Mas não. Paro na estrada, sigo pelos carreiros que vão dar a pinhais, pequenos bosques donde espero ver surgir, a todo o momento, os sete anões. E vou andando sempre. Descubro, no meio de castanheiros, capelas arruïnadas, e um velho cruzeiro onde o Tempo vestiu de musgo o corpo do Senhor.

Ninguém à minha volta. Só oiço o lento chiar dum carro, descendo o caminho que leva a Monção.

Já a tarde está no fim. Agora, o rio, como um límpido espelho, reflecte o céu. É o infinito a nossos pés.

E vive beleza no panorama quási irreal que se avista do alto de Guiomil; nos garotos com a bôca a escorrer sumo das amoras; no conjunto das mulheres, alinhadas em fila, vendendo hortaliça e flores; na imagem tôsca de S. Francisco, que, sôbre uma casa velhinha, do seu nicho nos abençoa...

¿Que fim terá levado a anã, sentada no degrau da porta, a fazer renda, isolada na sua disformidade?

E a pastora, olhando o horizonte enquanto as ovelhas pastavam?

São passados meses, depois que lá fui, mas estou certa de que tudo continua no mesmo lugar.

Em Monção o tempo não corre.

Parou, extático e a vida ficou suspensa de redor. Os dias seguem-se iguais a outros dias, lentos, monótonos, silenciosos.

Barcos deslisam pelo rio abaixo e os grandes lenços das raparigas agitam-se na brisa da tarde, como asas coloridas.

Ilustrações da autora

OS GRANDES VALORES TURÍSTICOS NACIONAIS

A pousada de SANTO DA SERRA (Funchal) donde se contempla um dos mais belos trechos da grandiosa e impressionante païsagem da Madeira

PARA quem venha dos rumos do novo mundo — da América do Norte ou do Sul — Portugal tem, já em pleno Atlântico, as suas ante-câmaras floridas — os Açores e a Madeira — vistosas montras indicadoras das suas belezas naturais, ricos mostruários dos seus atractivos turísticos: do clima, da païsagem, da vegetação exuberante e variada, da bondosa hospitalidade dos seus habitantes, do azul incomparável do céu que o cobre, do claro sol que o ilumina.

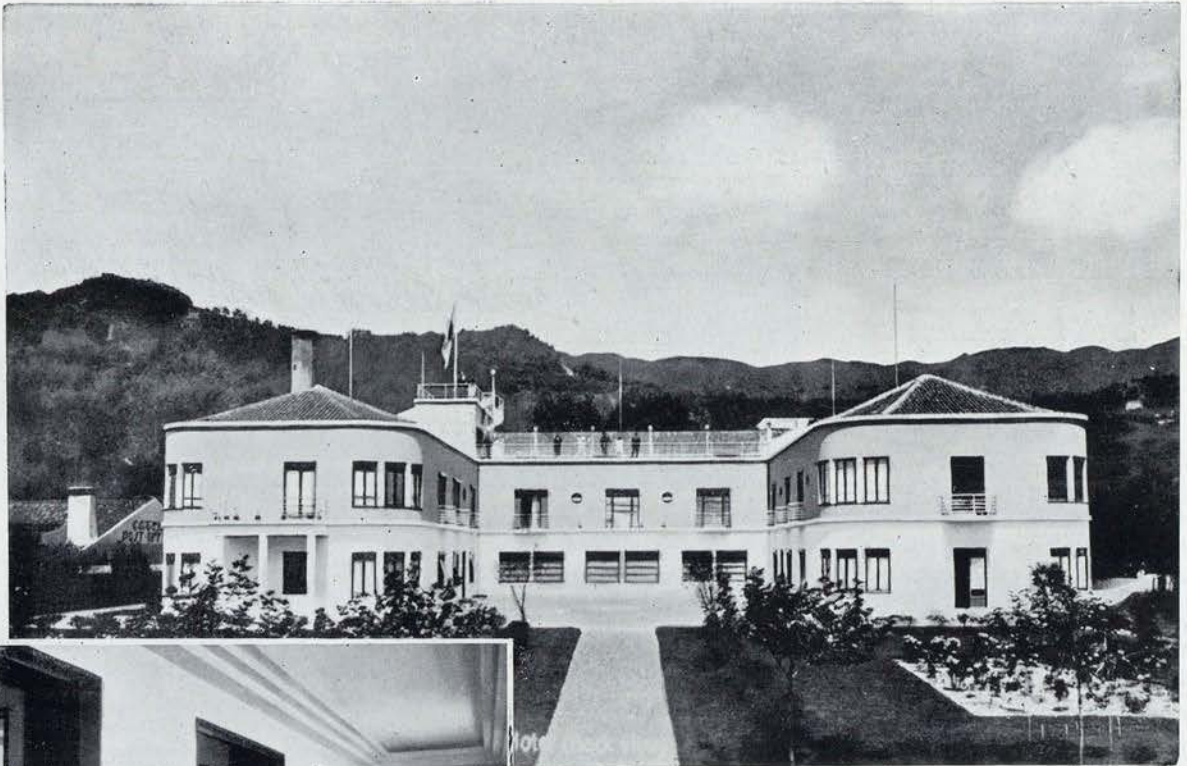
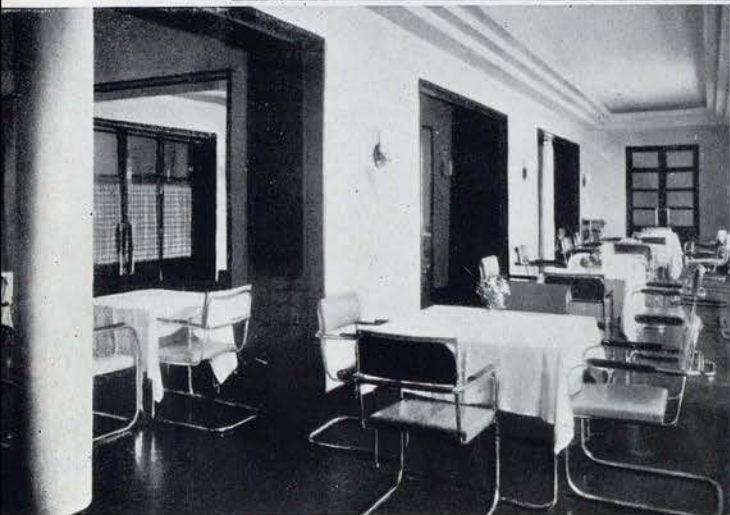
A Madeira é a melhor sala de visitas de um país que quere «fazer turismo.»

Ao demandar o pôrto do Funchal, o panorama que já ao largo se nos depara, excede em beleza a nossa espectativa, vai muito além do que as descrições e as fotografias tinham criado, ao colaborar com a nossa imaginação.

De noite temos a impressão de que nos vamos a aproximar dum grande e vistoso presépio, profusamente iluminado, desde a orla do mar, até ao mais alto das suas montanhas.

Quadro maravilhoso, visto à luz do dia, o das suas habitações espalhadas por entre a densa vegetação e os jardins floridos, até onde a vista pode alcançar.

Com tôdas as condições de atracção (bons hotéis, belos percursos turísticos, facilidade de transportes, amenidade climatérica) a Madeira, situada numa das mais freqüentadas rotas marítimas, é, há muito, um grande centro de turismo internacional.

NOS ARQUIPÉLAGOS DA MADEIRA E DOS AÇORES

O grande hotel TERRA NOSTRA, nas Furnas (Ilha de S. Miguel - Açôres) onde não falta nenhum confôrto moderno

Sala de jantar e trecho do jardim do hotel TERRA NOSTRA

No local denominado Santo da Serra, foi ùltimamente inaugurado pelo director do S. P. N., quando do seu regresso do Brasil, um belo edifício construído pela Delegação de Turismo da Madeira, destinado a servir de Pousada de turismo.

Pela situação e cuidadas instalações pode servir de exemplo e de modêlo a outras iniciativas dêste género.

Os Açores possuem, também, as melhores condições para atrair.

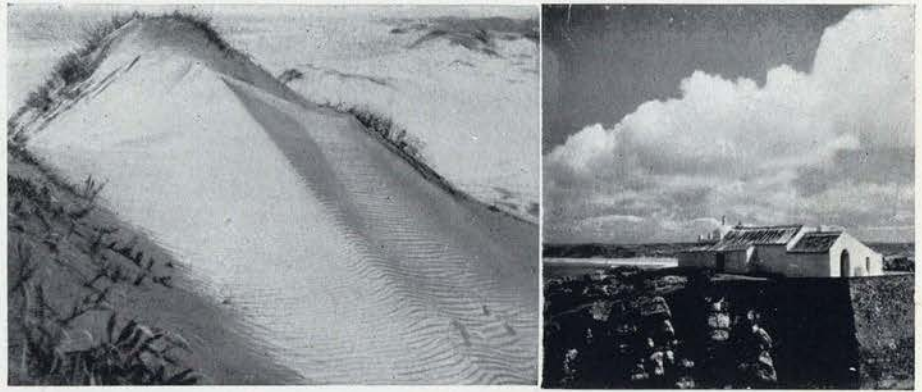
Estão a pedir que os cruzeiros turísticos pelo arquipélago se intensifiquem.

Na ilha de S. Miguel, na região das Furnas, o hotel Terra Nostra, *com todos os requisitos do confôrto moderno, a que presidiu um incontestável bom gôsto, é mais um grande valor para o turismo, que sem a base principal de bons hotéis não pode existir.*

Com os largos terraços batidos de sol, as janelas rasgadas, os óptimos alojamentos, a sala de refeições que lembra o salão de jantar de um confortável paquete, dá-nos a impressão de que ancorou também, ali, em pleno Atlântico, maravilhado pela beleza da paìsagem.

AUGUSTO CUNHA.

As nossas Praias

FOCADAS POR
SALAZAR DINIZ

Nas Praias de Caparica e do Baleal

Dois aspectos da imponente e concorridíssima Praia da Rocha

Num barco da Caparica. — Um ângulo da praia da Figueira da Foz

PANORAMA — Número 10 — Agôsto 1942

BOLETIM MENSAL DE TURISMO

EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NÃO pode passar despercebido a quem lê regularmente a imprensa do nosso país e, mais ainda, a quem se desloca das cidades para visitar ou demorar-se algum tempo nos centros turísticos provinciais, um fenómeno que transcende o entendimento de muitos portugueses adultos: — o dos **MELHORAMENTOS PÚBLICOS.**

Fenómeno? Atente-se nestas duas realidades antagónicas, que logo nos convencem da propriedade da designação: — o que não se fez no passado, em tempos normais, e o que se faz agora, com o mundo em guerra.

O que se faz agora, no desenvolvimento natural dum ritmo de acção construtiva, iniciado pelo actual Govêrno, é isto: — valorizar as condições naturais do país, edificando, restaurando, limpando, aformoseando a sua fisionomia urbana.

Vai-se a uma **PRAIA** ou a uma **ESTÂNCIA TERMAL** que freqüentámos poucos anos atrás, e verifica-se que o progresso já não é aquela palavra morta ou adormecida dos tempos da nossa infância.

Não é já a solidez e a lisura das estradas que lhes dão acesso, nem a evidência dos outros melhoramentos de grande vulto que, por iniciativa espontânea ou por solicitação, o poder central realiza. São as obras levadas a cabo no âmago das povoações — obras pequenas e modestas, quási sempre, mas nem por isso menos úteis — que nos revelam o acordar do povo para a necessidade dum progresso real e permanente, e a compreensão, a boa vontade, o **gôsto de servir** das autarquias locais.

Sem essas pequenas obras — que vão desde a pintura freqüente dos prédios até à construção de miradouros, balneários, jardins, fontes, lagos, esplanadas e piscinas — nenhuma cidade pode aspirar a atrair e, muito menos, a demorar seja quem fôr.

Decerto que as **condições turísticas** não podem ser consideradas exclusivo apanágio dos grandes aglomerados urbanos. Numerosas vilas e aldeias possuem, como é sabido, elementos de atracção magníficos, por vezes incomparáveis: situação geográfica, paisagem, clima, altitude, água, etc.

Terras de recursos económicos restrictos — ¿que poderemos exigir-lhes? Isto, apenas, mas que está tão longe de ser insignificante, como econòmicamente impraticável: — **CONSTÂNCIA E ALGUMA GRACINHA REGIONAL NO ARRANJO E LIMPEZA DAS VIAS E DOS OUTROS LUGARES PÚBLICOS.**

Sem isto, sem êste mínimo essencial — é que nada feito!

Aos amadores dos desportos náuticos SINAIS DE MAU TEMPO *no Pôrto de Lisboa*

CONHEÇA A SUA TERRA / CONHEÇA A SUA TERRA

O QUE TEMOS EM CASCAIS DE MAIOR INTERÊSSE

EXCURSÕES		PRAIAS	HOTEIS E PENSÕES
Praia do Guincho.	Capuchos.	Carcavelos.	Consultar o «Guia dos Hotéis e Pensões de Portugal» — 1942.
Cabo da Roca.	Monserrate.	Parede.	
Praia da Adraga. (Ver a Pedra de Alvidrar e o Fôjo).	Sintra.	S. Pedro.	
Praia Grande.	Lagôa Azul.	S. João (Azarujinha e Pôço).	
Praia das Maçãs.	Queluz.	Estoril.	
Azenhas do Mar.	Mafra.	Monte Estoril.	
Magoito.	Ericeira.	Cascais (Conceição, Ribeira e Guincho).	

CONHEÇA A SUA TERRA / CONHEÇA A SUA TERRA

O QUE TEMOS EM CASCAIS DE MAIOR INTERÊSSE

IGREJAS E CAPELAS

Cascais:

Igreja de Nossa Senhora da Assunção.

Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes.

Igreja da Misericórdia.

Capela de Nossa Senhora da Conceição.

Capela de S. Sebastião.

Monte Estoril:

Ermida de Nossa Senhora da Saúde.

Estoril:

Igreja de Santo António.

S. Domingos de Rana:

Igreja de S. Domingos de Rana.

S. João do Estoril:

Capela.

Carcavelos:

Igreja de Nossa Senhora dos Remédios.

Capela do Sanatório de Sant'Ana.

Parede:

Capelinha do Patriarca.

PARQUES E JARDINS

Cascais:

Parque Municipal.

Parque dos Condes de Castro Guimarãis.

Jardim Visconde da Luz e Parque Infantil.

Quinta da Marinha.

Monte Estoril:

Jardim Carlos Anjos.

Estoril:

Parque.

Parque Infantil.

Parede:

Parque Morais.

ESPECTÁCULOS DE CÔR LOCAL

Cascais:

Chegada dos barcos de pesca.

Lota do peixe.

DESPORTOS

Caça.
Carreira de tiro reduzido.
Ciclismo.
Equitação.
Esgrima.
Gimnástica.
Golf.
Natação.
Patinagem.
Pesca.
Ténis.
Tiro aos Pombos.
Tiro aos Pratos.

CINEMAS

Cascais.
Monte Estoril.
Estoril.
Parede.
Carcavelos.

As grutas prehistóricas de Alapraia merecem uma visita

ALGUNS DIVERTIMENTOS

No Casino do Estoril:

Salões de Jogos.

Salão de Festas.

Salão de Cinema.

Wonder Bar (dancing).

Terraços.

Em Cascais:

«Palm Beach».

Restaurant-Dancing-Bar.

MUSEUS E BIBLIOTECAS

Museu — Biblioteca dos Condes de Castro Guimarãis (Cascais).

Sala de Arqueologia no mesmo Museu.

Banhos de Mar e de Sol todo o ano. — Temperatura média anual: 16,3 graus centígrados.

PESQUEIROS

1 — Marégrafo
2 — Pedras de Santa Marta
3 — Ponta da Insua
4 — Curva da Insua
5 — Pedra Amarela
6 — Saco do Trigo
7 — Torrelhão
8 — Cordas
9 — Ponta da Pombeira
10 — Pombeira
11 — Mexilhoeiro
12 — Alpendrada
13 — Espinhaço do Cão
14 — Fonte da Guia
15 — Lage do Ramil
16 — Pedra do Salto
17 — Tanoeira
18 — Bôca da Furna { Pequena / Grande
19 — Patão
20 — Fernandes de Sequeiro-Alto
21 — Caneiro da Cova do Sôno
22 — Cova do Sôno
23 — Fernandes de Carvalho
24 — Lajões de Pelo-sinal
25 — Ponte dos Passantes
26 — Ponta da Seda
27 — Balcão
28 — { Aldrabão Baixo / Aldabrão Alto
29 — S. Jorge (Oeste do Forte)
30 — Rôxo Negro
31 — Náu de Prata
32 — Carreira dos Polvos
33 — { Ponta do Leque / Ponta da Azinhaga / Pôço da Azinhaga
34 — Serrão
35 — Ponta do Arco
36 — Ponta do Melissa
37 — Corvanceira
38 — Caneiro dos Espanhóis
39 — Laginha
40 — Ponta do Navio
41 — Carreira de Escamas
42 — Ponta da Moura
43 — Arribana
44 — Pedra dos Bicos
45 — Golfinho
46 — { Trancão / Moniz
47 — Margarida
48 — Galé

BANHOS DE CALDAS

E AGUAS MINERAIS

Mais uma vez se pode considerar Ramalho Ortigão um «precursor do turismo nacional»: BANHOS DE CALDAS E AGUAS MINERAIS — donde reproduzimos, a seguir, alguns trechos do último capítulo, A Volta — *é um interessante livro editado em 1875, pela* Livraria Universal, *do Pôrto, com graciosas ilustrações de Emílio Pimentel.*

Os banhos das Caldas terminam com os últimos dias do estio. O mez de outubro marca o termo das estações thermaes. Um dos prazeres das viagens, o melhor talvez, é êsse — de voltar para casa. O viajante é durante a viagem uma personagem integrante do quadro, uma parte d'elle. O verdadeiro expectador, o *dilettanti,* estabelece-se diante das recordações.

É no inverno, com o fogão acceso, quando a chuva rufa nas vidraças, e os albuns se percorrem á luz do candieiro, emquanto se prepara o chá em familia, que um *croquis,* o pequeno desenho de um canto de paisagem, um conto da lareira copiado da tradicção oral de uma aldeia, uma flôr sêcca, um perfil, uma nota, nos transporta em espirito aos logares que percorremos e ás scenas que presenceámos.

Então revive, mais coordenado e mais nitido aos nossos olhos, o alegre movimento de um tombadilho; os botes que chegam ao portaló; os amigos que se despedem; os beijos que se trocam; as malas que se içam para bordo; uma certa mulher de véu azul a quem demos a mão para a ajudar a subir; os dois inglezes que passeavam a largas passadas pela tolda; o cheiro da camara; o sacco de noite, a bengala presa a um chapéu de chuva e um binoculo, que estavam por equivoco no nosso beliche; o levantar do ferro; os primeiros balanços do paquete; o primeiro molho de mar que escachôa na prôa; o primeiro charuto fumado, á noite, no silencio de bordo, no banco da meia laranja, ao balanço do mar largo.

Reapparece-nos a estação do caminho de ferro portuguez, em Santa Apolonia, aos sabbados de verão. Os ruidos da multidão apressada e alegre; o grupo das senhoras que vão para o Bussaco; a multidão pittoresca dos habitantes do Ribatejo com os barretes azues, os cajados, os alforges de lã preta com riscas brancas e azues; os toireiros que vão para Villa Franca ou para a Alhandra, com as suas jalecas de alamares, as cintas de seda e o chapéu castelhano cahido sobre o ôlho; a escalada ás carruagens com os saccos, com o *couvre pieds,* com os cartões das senhoras, com o cabaz do *lunch* e com o moringue de Estremoz.

… … … … … … … … … … … … … …

Depois o trasbordo no Entroncamento. Passageiros para o norte, passageiros para o leste. Os que entram pela porta de cá no bufete esbarram nos que entram pela porta do outro lado. Os encontros e as separações realisam-se á pressa entre o prato do meio bife e a chavena do chá preto. A umas senhoras que chegam, ouvem-se as risadas hispanholas, porque ha uma lingua para o riso exactamente como para a palavra, e entre a gargalhada irlandeza e a gargalhada

andaluza existe um abysmo. Na estação do Entroncamento sobresáem os passageiros em chinellas, que se não encontram no Porto quando de lá se parte, porque então ainda não têem tirado as botas, nem se encontram bem em Lisboa quando lá se chega, porque então já as têem calçadas. O Entroncamento é a estação especial dos trasbordos e das chinellas.

... ...

Singular influencia do ar livre e da grande natureza; na imperial de uma diligencia, adiante do montão das malas, das chapelleiras e dos alforges, todos conservam a alegria e o bom humor, quer o sol caia a prumo, ardente e pesado, sobre a cabeça dos viajantes, quer a chuva glacial das noites de inverno os obrigue a confrangerem-se embrulhados nos gabões, com os capuzes pela cabeça, o cobrejão enrolado nas pernas e o encerado do guarda lama subido até á cinta e afivelado ao varão de ferro da almofada. A mesma tempestade toma um extranho ar pittoresco observada da imperial das diligencias. Na escuridão da noite, através das grossas cordas da chuva, o grupo da imperial de outra diligencia que crusa com a nossa descobre n'um relance, á luz avermelhada das nossas lanternas, figuras sympathicas e amigas que nos olham. O clarão dos relampagos destaca das profundas trevas que envolvem a paisagem repentinos quadros inesperados, de uma incrivel nitidez de detalhe, que surgem e desapparecem como um encanto.

Umas vezes é um renque de choupos vergados e torcidos pelo vento, que parecem fugirem desgrenhados pela campina, ou o muro musgoso de uma arribana, que ao relampejar momentaneo do raio se revela ao fundo de um campo, e a gente viu distinctamente, n'esse segundo, o grosso tramelo de pau que fechava a porta do curral e, ao pé, um arado, com o seu ferro luzidio para o ar, arrimado á humbreira.

Outras vezes é um espantalho que se mostra á beira do caminho cavalgando um ramo de figueira; um carro que ficou no meio da seára com a lança no chão e um gigo vendimo emborcado n'um estadulho; ou a grade de ferro, o pateo ajardinado e as estatuas de louça de um «cottage» de jelosias verdes que tem uma toalha esquecida, pendente de uma janella, dizendo adeus ao tufão.

Dentro das berlindas, como dentro dos wagons, ha sempre descontentes ou queixosos. Um tem uma falta de ar e outro tem uma constipação. Este quer os postigos fechados, aquelle deseja têl-os abertos.

Ha ás vezes um homem gordo que resona com estrepito — a coisa que mais envenena o sangue e a bilis dos homens magros que não podem dormir! Ha talvez um marido de mau genio que ralha com a sua mulher, o que é o espectaculo mais desolador e mais antipathico em que se póde cevar a melancolia e o tedio. Concorre por ventura uma criança mal creada, um homem que descalça as botas, uma mulher com os dentes sujos e que não só tem a impudencia de os mostrar para se rir, mas até para os palitar!

Oh! não, nem tudo são rosas nas viagens de recreio, excepto quando estas se fazem simplesmente, a pé, com um modesto companheiro pobre, intelligente, instruido e honrado.

As pessoas ricas mal poderão apreciar o grande prazer facil, singelo, e todavia variadissimo, que é para um artista viajar a pé, em grossos sapatos ferrados, uma mochila com roupa branca, um caderno e um lapis ou uma caixa de tintas, e quinze dias de liberdade! O unico dia em que se experimenta um certo cansaço é o primeiro dia de marcha. Depois os musculos de um homem forte e saudavel habituam-se ao largo passo de estrada cadenciado e firme. Ao fim de tres dias parece-nos que o peito se tem dilatado; os orgãos da respiração jogam com mais vigor; o sangue circula mais facilmente; sente-se um desenvolvimento progressivo de energia vital, uma revivificação de alegria e de frescura de espirito, uma resurreição de infancia.

A theoria do prazer é esta: que é falso e nullo tudo aquillo que nós não pagamos com uma quantidade proporcional de nobre e bem entendido sacrificio.

Ir a pé, aperfeiçoar assim o nosso organismo, desenvolver a nossa força muscular, retemperar as nossas faculdades de espirito e de caracter pelo exercicio, pela actividade, pela perseverança precisa para vencer as grandes distancias por meio das pequenas jornadas, é a melhor, a mais saudavel, a mais efficaz iniciação para aprender a aproveitar o tempo, a não desperdiçar os instantes, a chegar assim longe indo devagar, a realisar finalmente os grandes projectos pela prática insistente, firme e perseverante dos pequenos meios.

Um sabio formulou a seguinte lei para chegar aos grandes resultados: Fazer projectos para uma existencia de cem annos e cumpril-os a cada momento como se não tivessemos para viver senão vinte e quatro horas. As viagens a pé ensinam a praticar esta elevada theoria.

RAMALHO ORTIGÃO

Ilustrações de Emílio Pimentel

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Acêrca de Campismo

Campismo é *a arte de viver ao ar livre, pernoitando sob uma tenda, preparando os alimentos e contando sòmente com os próprios recursos.*

A prática do campismo permite ao civilizado travar conhecimento directo com as belezas naturais do seu país, por meio das mais variadas modalidades desportivas.

O *acampamento fixo* (individual ou colectivo) faculta essa vida altamente higiénica, sem necessidade de transportar equipamento.

O *campismo volante* ensina a levar às costas, num saco especial, a tenda ligeira, a cama, o fogão, a marmita, os alimentos e tudo quanto é necessário para viver ao ar livre, longe dos centros urbanos.

A prática da canoa oferece a emoção de descer os rios e as ribeiras, pescando e acampando.

O *campismo da montanha* proporciona a forte sensação das escaladas, o saudável contacto com a neve e o prazer vertiginoso do «ski».

Para aqueles a quem a bicicleta ou a moto são acessíveis e agradáveis, há o *ciclo* e o *moto-campismo.* Para os mais abastados, o *auto-campismo* ou *auto-caravana,* com o seu reboque de grande-luxo. Há, ainda, o *campismo a cavalo...*

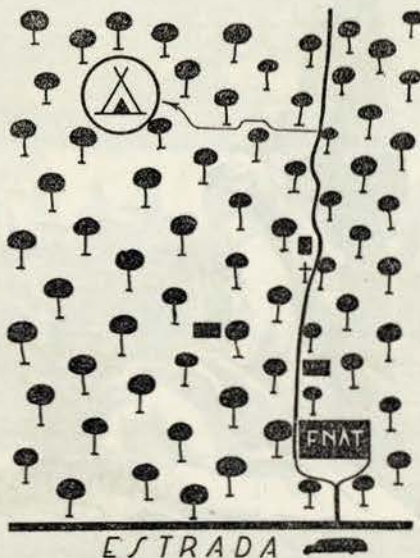
Tudo isto — que os jovens leitores de PANORAMA não devem ignorar — vem a propósito das seguintes iniciativas, que gostosamente divulgamos:

★ A secção de campismo náutico do *Clube Nacional de Campismo* (com sede na R. da Palma, 116, 1.º, em Lisboa) realiza no dia 29 de Agôsto o seu primeiro passeio náutico, em que tomam parte cinco barcos desmontáveis (género «kaiak») e cujo programa é o seguinte:

— Descida do rio Nabão, desde a nascente até Tomar, acampando na Quinta do Sr. Eng.º João dos Santos Simões; seguimento do percurso do mesmo rio, até à sua junção com o Zêzere e, mais longe, com o Tejo, até Lisboa.

Os acampamentos serão feitos — pelos cinco desportistas inscritos, e constituídos em equipa — nas margens dos referidos rios.

★ O II Acampamento anual promovido pelo *Clube Nacional de Campismo* realizar-se-á nos dias 18, 19 e 20 de Setembro próximo, no Pinhal da F. N. A. T., na Costa da Caparica, sendo livre a inscrição, na sede do citado Clube.

Publicamos, a seguir, o gráfico da localização do acampamento:

★ Deve ser posta à venda, brevemente, a revista *Campismo,* destinada a divulgar conhecimentos técnicos e, também, as belezas panorâmicas e monumentais do país. A redacção e administração funcionará na sede do C. N. C., para onde devem ser dirigidos os pedidos de assinatura e solicitadas quaisquer informações acêrca dêste magnífico desporto.

★ Também no *Ateneu Comercial de Lisboa* — simpática e útil colectividade que desde há seis anos vem propagando as vantagens da prática do campismo e promovendo, com assiduïdade, passeios e acampamentos colectivos — podem os interessados obter, gratuitamente, informações e ensinamentos, dirigindo-se à respectiva secção, que funciona tôdas as quintas-feiras, das 20,45 às 22,45. — Foi o A. C. L. e não o C. N. C. (como poderia depreender-se de um artigo publicado no nosso número anterior) que teve a idéia da *1.ª Exposição Portuguesa de Campismo,* realizada há alguns meses, estando já a organizar a 2.ª, para a próxima primavera.

Romarias e outras Festas

Apesar das naturais dificuldades de meios de transporte motorizados, decorreram com grande animação e notável afluência de forasteiros as festas populares tradicionais dos meses de Julho e Agôsto, destacando-se, pelo pitoresco regional, variedade e brilho dos números de programa, as festas da *Senhora da Agonia,* em Viana, as do *Barrete Verde,* em Alcochete e as da *N.ª S.ª do Castelo,* em Coruche.

Estações Floridas

O juri nomeado para o concurso anual das *Estações Floridas,* promovido pelos Serviços de Turismo do S. P. N., percorreu já grande parte das estações e apeadeiros concorrentes, verificando um sensível progresso na técnica de jardinagem e no gôsto artístico das ornamentações.

"Panorama" Regista

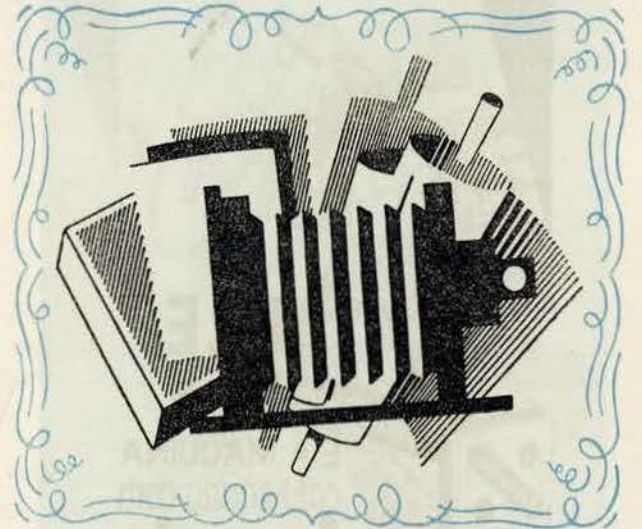
★ O aparecimento dos seguintes folhetos, de grande utilidade e de agradável apresentação gráfica: *Planta Turística de Sintra, Roteiro Campista de Portugal* e *Mapa das Romarias* — que podem adquirir-se na Agência de Turismo do S. P. N., na R. de S. Pedro de Alcântara.

★ A inauguração da *Praia* e da *Piscina do Mondego,* em Coimbra — iniciativa admirável que muito contribui para a valorização turística da linda cidade.

★ A notícia de que a Câmara Municipal de Lisboa vai intensificar a urbanização dos parques e jardins da capital.

★ A recente publicação do número 10 da *Revista Municipal,* com um sumário cheio de interêsse e a colaboração de: F. da Silva Correia, H. de Campos Ferreira Lima, Hipólito Raposo, Luiz Chaves, A. Vieira da Silva, etc.

★ A inauguração oficial da *Pousada de S. Gonçalo* — na Serra do Marão — à qual dedicaremos duas páginas no nosso próximo número.

Editorial Ática, Lda. — Capa: Litografia Costa e Valério. — Gravuras: Bertrand, Irmãos e Fotogravura Nacional, Lda. — Fotolitografias: Litografia de Portugal. — Composição e Impressão: Tip. E. N. P.

"CAMPING" EVOCATIVO

CORRIDA VELOZ PELAS PRAIAS DO ALENTEJO E DO ALGARVE...

por *CONSIGLIERI SÁ PEREIRA*

PARA Além do Tejo e para Arriba do Tejo... Nestas designações, simplificadas com o andar dos séculos, há um mundo de realidades impostas a nossos avós pela Natureza criadora. Já o ano fez do Alentejo farta eira, porquanto é finda a colheita dos cereais. Trigo, cevada, aveia, cèleremente convertidos em pão; batata, substanciosa e regada de fios de dourado azeite; e, impando de barros frescos, ressumantes de água cristalina, gaspachos de tomates polpudos, sangrentos, de pepino em rodelas sequiosas, de coentros em assordas providas de ovos frescos, tudo rociado com seus toques de vinagre. Assim era, assim foi e assim será. Pouco a pouco o esteval silencioso, cheiroso mas bravio, tem cedido a sua omnipotência aos fertilizantes químicos e a planície e a montanha do Alentejo e do Algarve, depois de fraternizarem no comum esfôrço, logram colheitas miraculosas. Onde só havia, seus trinta anos atrás, o maninho desaproveitável, erguem-se agora cidades, vilas e aldeias rumorosas de vida jovem. Sistemas completos de vias férreas e de estradas, transportam a humana seiva até às portas do mar... Agôsto e Setembro, eis os meses preferidos pelo alentejano e algarvio, ao seu repouso, enquanto, lá para dentro, as terras, desentranhadas pelo aço vigoroso do arado, tomam alento.

A foz do Sado, agora convertida em distrito próprio, com Setúbal por cabeça, sempre teve no alentejano um anexador e um criador. O Outão, Sesimbra, Sines, fulvas montanhas de ouro com vinhedos próprios, curadoras de males de ossos e de carnes, vivem voltadas para o Sul. Nada as liga ao Centro ou ao Norte. Têm fisionomia distinta, inconfundível. Setúbal, matriz dos primeiros laranjais europeus; Odemira, mais abaixo, fervilhante de banhistas; e, após a dulcificada braveza da serra de Monchique, revestida de florestas e águas termais, todo o imenso e fantástico panorama das rochosas praias algarvias. Todo aquele cenário movimentado começa no cabo de São Vicente, ondula-se em amplíssima enseada de Lagos a Portimão e vai perder-se, ao longe, a Barlavento, onde começa a língua de areia ininterrompida que, em breve, nos conduzirá às margens do Guadiana.

Pois quando da criação do mundo, teve Deus a fantasia heróica de nos enviar um Atlante, irmão gemeo, com certeza, dos Deuses germânicos que talharam e engastaram o Rheno, as suas ilhotas verdejantes por entre os contornos ásperos e sacudidos da maior formação montanhosa da Europa. Aqui, no Algarve, no Jardim arábico, ainda perfumado de lendas e tradições mouriscas, o mitológico ourives deu-se ao capricho de talhar com rochas e areias bem lavadas, as mais inconcebíveis filigranas. Se quereis saber o que é um tapete aveludado pelas algas e temperado de sombras irradiantes das suas inumeráveis arcarias, paredes, ou lavradas encostas, visitai, agora, por entre o riso vivaz de Eva, sempre rescendente e fecundante, as praias do Algarve, entre Lagos e Portimão... Até vos acolherão, em cidades antigas ou modernas, conforme seja o vosso desejo, tôdas as fantasias.

Na idade milenária das bolsinhas arenosas circundadas de tais lavoures, de tão prodigiosas loucuras de ourives tentado a desafiar o imediato Oceano, se encontra, por igual e talvez por isso mesmo, o certificado da sua mocidade. Porque só é moço o que é antigo ou, pelo menos, de antigas raízes procede... Por isso, em minha mente de «alfacinha» da gema, se perpetuou êsse espectáculo inacreditável da adolescência, e lhe hei guardado a fidelidade imperecível da minha nunca mentida saüdade.

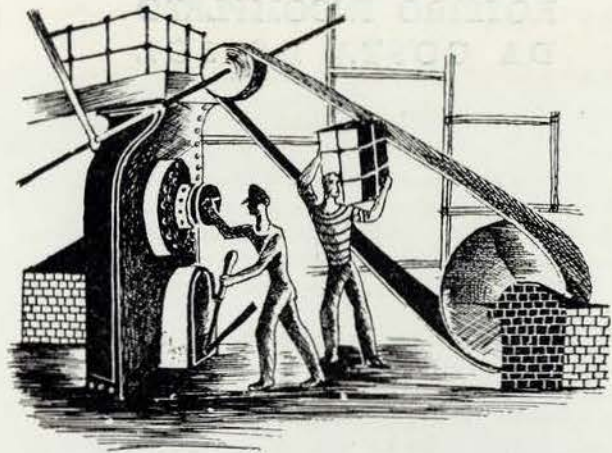
Terra de poetas e escritores que, como Teixeira Gomes, sempre procuraram interpretar a desconcertante perfeição dessa eternidade árabe ou helénica, de que viemos a ser os herdeiros, o Algarve e, em especial, aquele recanto coalhado de catedrais rochosas que a maré alta encobre para logo, na vazante, nos restituir ainda mais sexualizado no perfume intenso de novas algas e de abluções muçulmanas — êsse Algarve de Nossa Senhora da Rocha tinha de ser o de Al-Mothamid.

Êste, derradeiro poeta de Silves e rei de Sevilha, já nos últimos tempos do seu reinado, quando sentia próxima a suprema renúncia, desejou esculpir em seus versos o louvor à terra algarvia. E, em sintética composição, que há uns dez anos recordei, ninguém como êle aconselha, brandamente, suavemente, o viajante a ir até Silves, ainda hoje árabe, e simultâneamente portuguesa, num milagre inexcedível de perduração em si própria, a-fim-de lhe dizer o seu muito amor por suas graças, figueirais, descuidadosas praias e leal servidão dos fidelíssimos súbditos. E tudo isto sem um único clamor de rebeldia, escreveu o príncipe Al-Mothamid, último rei de Sevilha, pouco antes de ser decepada a sua nobre cabeça...

Eis-nos agora em Faro e, logo a seguir, em Olhão. Começam aqui, no decorrer de muitas léguas, os areais e os pinhais, tudo entrelaçado e sòmente interrompido pelo alvejar das chaminés — última reminiscência, talvez, da arquitectura dos mouriscos... E a destruïção fêz-se insensìvelmente. Sem preconceitos e despeitos, ódios ou interêsses. É que, caracterizando-se a outra banda do litoral algarvio pela eternidade da rocha, erguida a pique sôbre o mar quási sempre, aqui, nos domínios da inconsciente areia ou do débil pinheiro, os materiais, embora abundantes em cal, escassos se oferecem em tudo aquilo que a nós, os homens, pode dar-nos a sensação da nossa efemeridade.

Em compensação, o mar é livre e respira fortemente o seu álito iodado sôbre a praia intérmina.

Agora, concluídos os trabalhos das armações de atum, de mistura com os da pesca da sardinha, bem diferentes mas que, nos anos fartos, soe prolongar-se até Novembro, vereis povoar-se a praia de Monte-Gordo de mil e uma coloridas barraquinhas. Ali acorre o andaluz, escasso de praias, porquanto os terrenos são pantanosos, predominantemente, entre o Guadalquivir e o Guadiana... Respira, esbraseado ainda por calores que chegam aos quarenta graus à sombra, sem exagêro. E durante alguns anos que por ali assistimos, víamos, sorridentes, a chegada ruïdosa e alegre dos alentejanos das terras interiores de Beja. Servem, a estes, de económica condução, as barcas ou gasolinas do Guadiana. Entonações variadas, línguas entrecruzadas, maior é a complicação daquela pequena Babel com a chegada dos homens de Loulé. Vêm por famílias inteiras, depois de passarem a maior parte do ano a labutar em seus comércios, indústrias ou lavouras da serra, tomar os ares. É gente expansiva e grave, leal e inteligente, robustos por natureza e sensíveis a tôdas as provas de amizade. Tais características fazem do «homem de Loulé» um tipo especial, bem diferenciado do resto da família algarvia e andaluza.

Agora, porém, deixemos a nossa abusiva ignorância e gozemos a vida, sòmente! Tocam, em harmónios, o «corridinho». E logo os de Loulé, os de Vila Real de Santo António, os de Faro, «y los de Ayamonte», começam a bailar...

ROTEIRO INCOMPLETO DA COSTA DO SOL

(Continuação)

fazer, nessas termas modelares, tratamento de longa duração e exigindo aparelhagem apropriada. Aí se encontra, também, a grande Piscina de natação, onde a água se mantém a 25 graus centígrados. Nela, a pequenada brinca, luta, corre, chapinha gulosamente, no prazer da água...

Cá fora, o parque abre-se em flores, em sombras amigas, em bancos recatados e silenciosos. Perto, ouve-se o ruído sêco das bolas de ténis batendo nas raquetes ou no chão duro. Outras vezes, o trote rápido e cadenciado das patas dos cavalos sôbre o asfalto. Passam amazonas — calção alto, blusa enfunada ao vento, cabelos em turbilhão. Vêm da escola de equitação, a dois passos distante, e vão pela estrada fora, por entre pinheiros, até ao alto do monte donde se vê o mar, a costa encharcada de sol e as bandeirinhas vermelhas a gritar no relvado do campo de «golf»...

O «golf»: — dezóito buracos e, desde cá debaixo do pavilhão do Clube até junto ao «stand» de tiro aos pombos e volta, há o melhor de 5 quilómetros. O campo é de relva e corre entre pinhais; o ar, quer venha do Oceano ou da Serra de Sintra, é lavado e fresco.

Começa a ter a sua história êste terreno de «golf». E no Pavilhão do Clube, nos cadeirões confortáveis da sala de estar, ou à mesa do restaurante, há já quem recorde a tarde em que Eduardo, Duque de Windsor, esteve no campo a jogar, calmamente, com sua mulher — Wallis, a Duquesa dos olhos azues, transparentes...

Em volta do campo sucedem-se as vivendas. E há de tudo, desde as casas alpendradas, à portuguesa antiga, às vivendas inspiradas nos «ranchos» sul-americanos, aos «bungalows» da União Sul Africana, terra de oiro e de sol; e, também, casas que reproduzem, com fidelidade e justeza, a concepção do mestre de obras do que seja a arquitectura moderna...

Por todo o lado, erguem-se os esqueletos de novas vivendas e palacetes: pedra e cal — que já passou o império do cimento e da armadura metálica. E tôdas estas construções provam que o Estoril, a 23 quilómetros de Lisboa, continua a ser um grande centro que reüne tôdas as possibilidades, todos os requisitos para maior desenvolvimento.

UMA COSINHA MODERNA

FÁBRICA PORTUGAL

ESCRITÓRIOS: RUA FEBO MONIZ, 2 A 20

★

SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA

RUA FEBO MONIZ, 2-20

TELEFONE 47.157

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 49-57

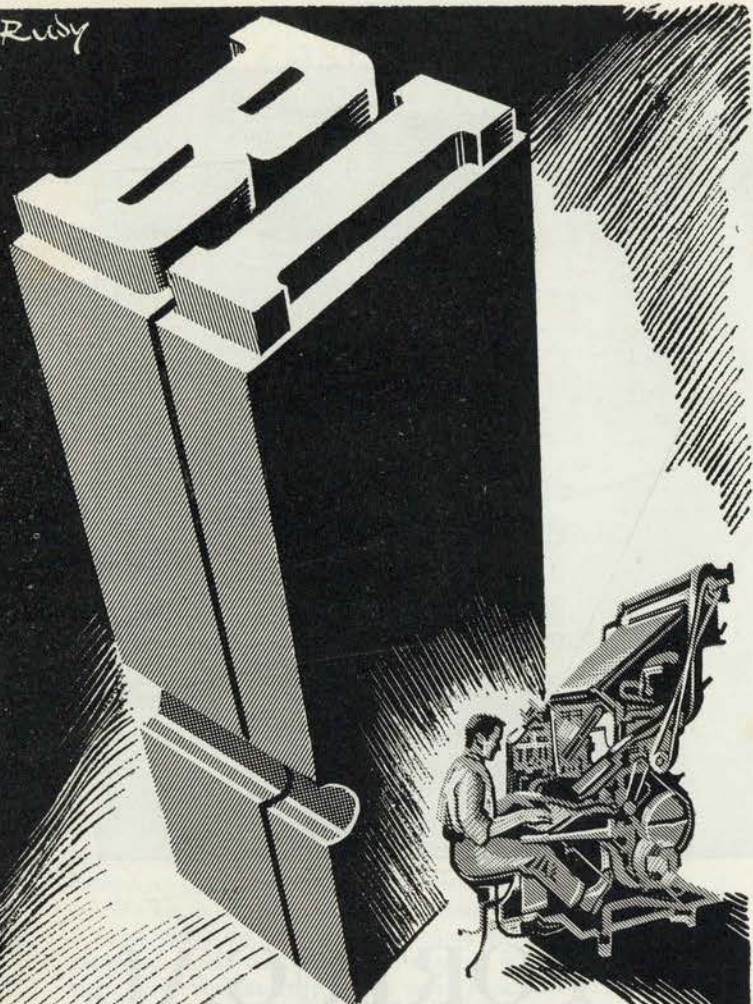
TELEFONE 24.948

AVENIDA DA REPUBLICA, 55-D

TELEFONE 41.189

RUA DA GRAÇA, 82-84

TELEFONE 49.109

LISBOA

BERTRAND IRMÃOS L.DA

T. CONDESSA DO RIO 27 LISBOA Tel. P.B.X. 21227 21368

AVENIDA PALACE HOTEL

LISBONNE / À CÔTÉ DE LA GARE CENTRALE

130 chambres / 80 avec salle de bain
Téléphone dans toutes les chambres
Chauffage centrale
Déjeuner et Dîner—Concert

AMERICAN BAR

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 123 / TELEFONE 2 0231

PANORAMA

VAI REEDITAR OS NÚMEROS

2, 3 E 4

JÁ DE HÁ MUITO ESGOTADOS

FAÇA QUANTO ANTES O SEU PEDIDO À ADMINISTRAÇÃO

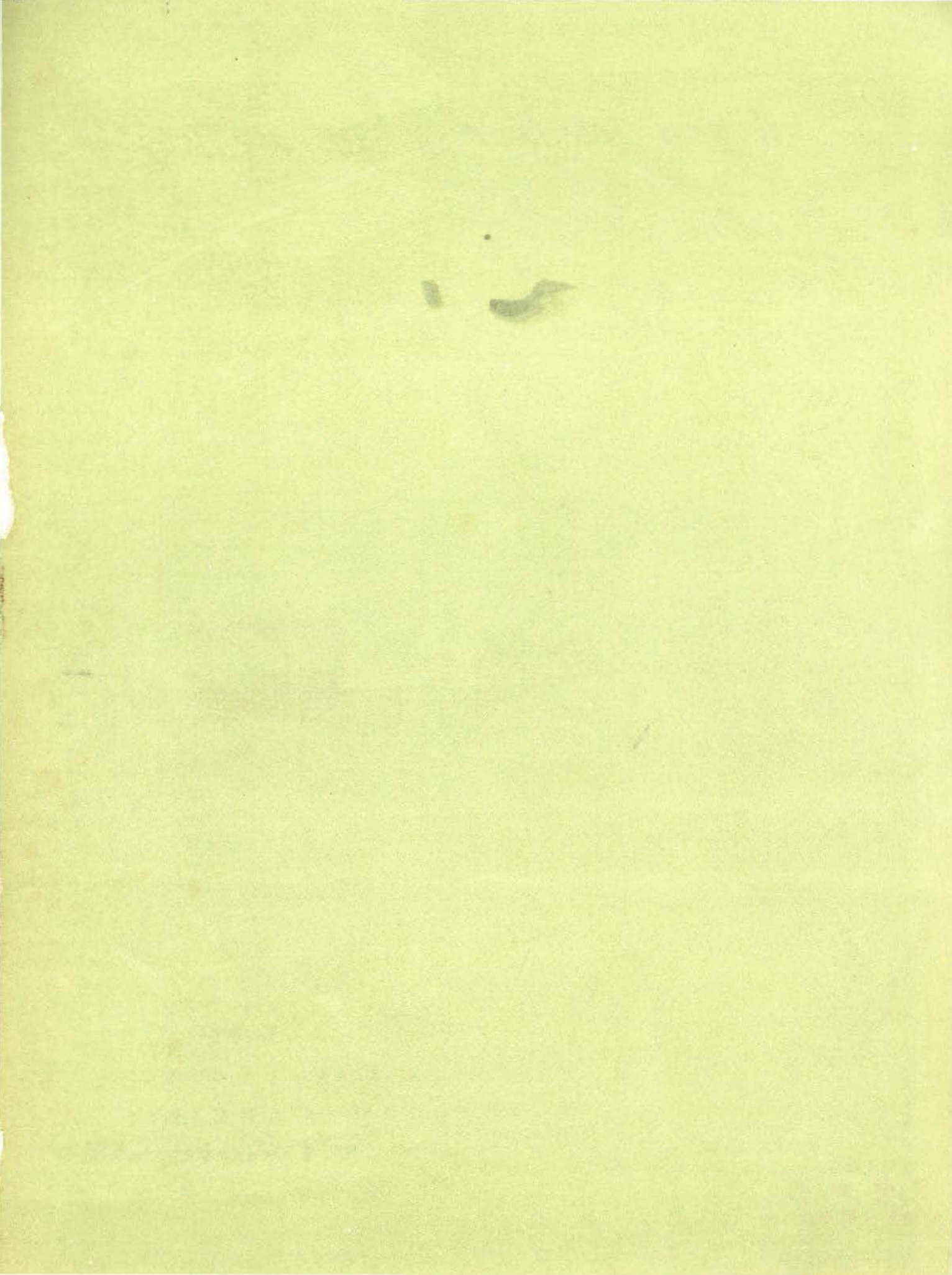
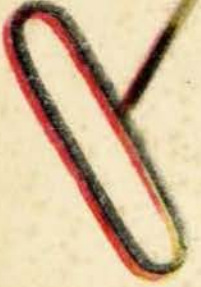
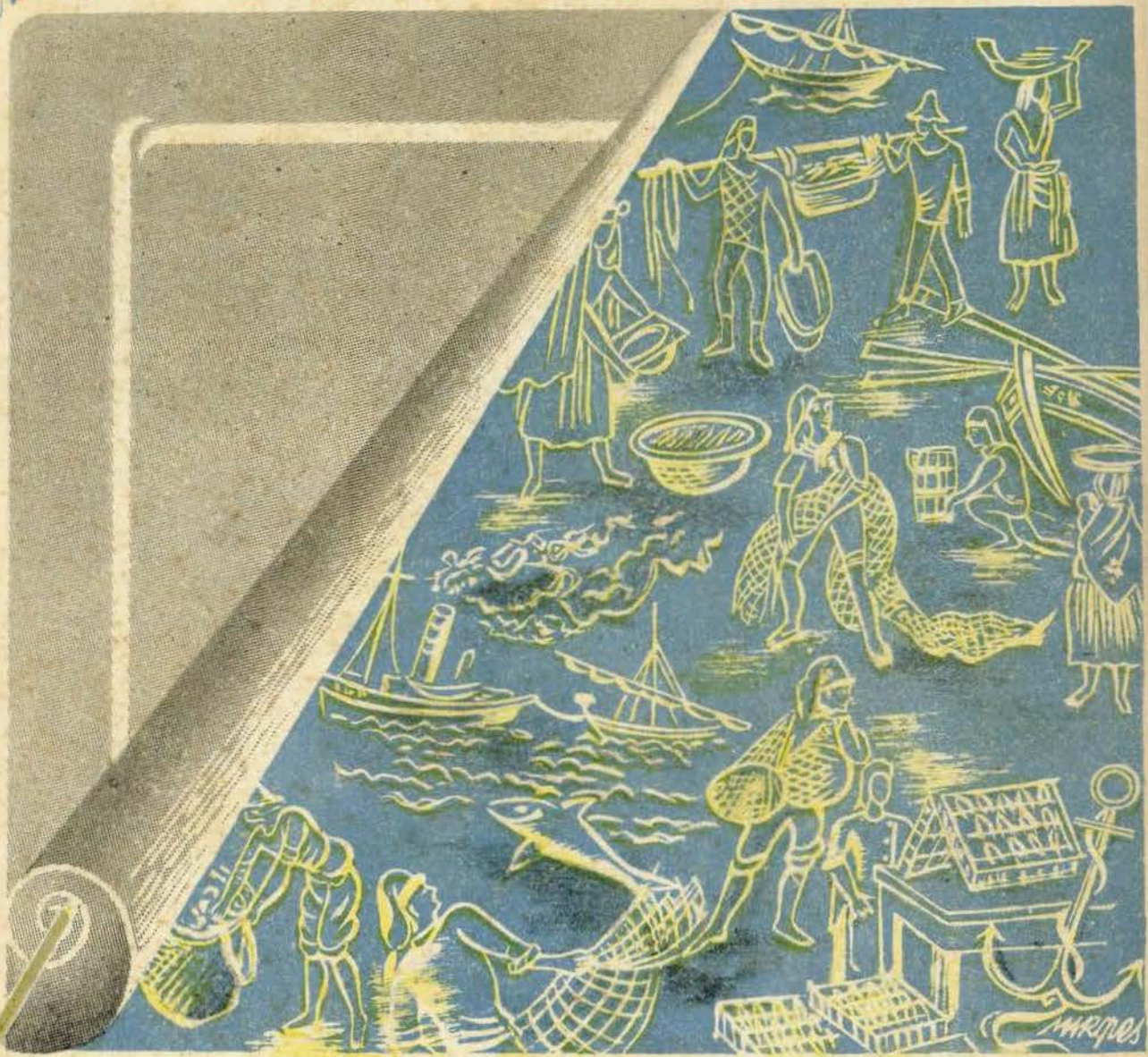
ENORME SORTIDO DE FERRAMENTAS, FERRAGENS EM TODOS OS ESTILOS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

CROMAGEM EM TODOS OS METAIS

GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA

32, RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 34

TELEFONE 23746

LISBOA

AS DELICIOSAS CONSERVAS DE PEIXE PORTUGUESAS DESPERTAM O APETITE E ALIMENTAM

I.P.C.P